

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS**

**A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA CONVERSÃO E
DO COTIDIANO EVANGÉLICO BRASILEIRO: Uma
análise discursiva da personagem Gina na novela “Amor à
Vida”**

MONOGRAFIA

Igor Coutinho Ribeiro

Santa Maria, RS, Brasil

2015

A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA CONVERSÃO E DO COTIDIANO EVANGÉLICO BRASILEIRO:

UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM GINA DA NOVELA “AMOR À VIDA”

Igor Coutinho Ribeiro

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Relações Públicas**.

Orientador: Prof. Dr. Aline Dalmolin

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Comunicação Social
Curso Relações Públicas**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia

**A REPRESENTAÇÃO MIDIÁRICA DA CONVERSÃO E DO
COTIDIANO EVANGÉLICO BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM GINA DA NOVELA “AMOR À
VIDA”**

elaborada por

Igor Coutinho Ribeiro

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Públicas

COMISSÃO EXAMINADORA

Aline Dalmolin, Dr. (Orientadora)

Ana Cássia Pandolfo Flores , Ma. (UFSM)

Francieli Jordão Fantoni, Ma. (UFSM)

Santa Maria, 14 de Dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

A Deus - autor da vida e merecedor de toda Glória. Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

A família – Por todo apoio de carinho que me deram. Em especial aos meus pais por ter feito de tudo para que eu chegasse até aqui

A 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular em Santa Maria – Minha segunda família, em especial aos meus pastores, Izidoro e Lorena Santos, por todo o apoio e cuidado que tem comigo e com toda a minha família, e também a todos os meus líderes ministeriais.

A todos os professores - Por ter compartilhando seus conhecimentos e ter me ajudado a chegar até aqui,

Aos Professores do Curso de Relações Públicas - em especial minha orientadora, Aline Dalmolin, por toda sua dedicação e ajuda sem as quais eu não teria conseguido finalizar esse trabalho.

Ao Farol – Grupo de amigos que foram fundamentais para minha permanência na universidade. Obrigado por cada palavra e momento juntos.

Aos colegas – Em especial a Amanda Born, Amanda Remor, Paola Porto e Greice Morati, que se mostraram mais que colegas, mas sim verdadeiras amigas.

A todos meus amigos e pessoas que oraram, se importaram e me deram ânimo para chegar até aqui.

Não abandone a sabedoria, e ela o protegerá; ame-a, e ela cuidará de você.
O conselho da sabedoria é: procure obter sabedoria; use tudo que você possui para adquirir
entendimento.

Dedique alta estima à sabedoria, e ela o exaltarão; abrace-a, e ela o honrarão.
Ela porá um belo diadema sobre a sua cabeça e lhe dará de presente uma coroa de esplendor.
Apegue-se à instrução, não a abandone; guarde-a bem, pois dela depende a sua vida.

(BIBLIA, V.T. Provérbios 4: 6-8, 13)

RESUMO

Monografia

Curso Relações Públicas

Universidade Federal de Santa Maria

A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DA CONVERSÃO E DO COTIDIANO EVANGÉLICO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM GINA DA NOVELA AMOR À VIDA

AUTORA: IGOR COUTINHO RIBEIRO

ORIENTADOR: ALINE DALMOLIN

14 de Dezembro de 2015, Prédio 67: Santa Maria.

Atento ao crescimento da fé evangélica no Brasil nos últimos anos, e da necessidade que os veículos de comunicação de massa têm de captar esse público, este trabalho vem com a proposta de fazer um estudo, inspirado na Análise de Discurso, de como o processo de conversão e a vivência da fé evangélica brasileira foram retratados na personagem Gina da novela “Amor a Vida”, fazendo um apanhado histórico da religião evangélica e sua implantação no Brasil, e da inserção desse público da mídia brasileira até então. Podemos ver um diferencial da representação desse segmento na personagem Gina, que não se deteve nos estereótipos costumeiros, mas sim, manteve o foco na experiência privada da personagem, Assim, a personagem de Walcyr Carrasco se consagra como um marco da aproximação da Rede Globo com a o segmento evangélico brasileiro.

Palavras-chave: Evangélicos. Telenovela. Ethos. Análise de Discurso. Mídia e Religião

ABSTRACT

Monograph

Public Relations course

Universidade Federal de Santa Maria

THE MEDIA REPRESENTATION CONVERSION AND DAILY OF PROTESTANT BRAZILIANS: ONE ANALYSIS OF CHARACTER GINA OF SOAP OPERA AMOR À VIDA

AUTHOR: IGOR COUTINHO RIBEIRO

ADVISER: ALINE DALMOLIN

Dezember 14th, 2015, Prédio 67: Santa Maria.

Attentive to the growth of the protestant faith in Brazil in recent years, and the need that mass media outlets have to capture this audience, this work comes with a proposal to do a study, inspired by the Discourse Analysis, of how the conversion process and the experiences of Brazilian Protestant faith were portrayed in Gina character in of the Soap Opera "Amor a Vida", making a historical overview of protestant religion and its implementation in Brazil, and the inclusion of this public in of the Brazilian media so far. We can see a differential representation of this segment in Gina character that did not stop the usual stereotypes, but rather, has focused on private experience of the character, thus the Walcyr Carrasco's character has established itself as a landmark of the approach of Rede Globo with the Brazilian evangelical segment.

Keywords: Evangelicals. Soap Opera. Ethos. Discourse Analysis, Media and Religion

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Maristela se encontra na praça com Gina.....	50
Ilustração 2 - Gina tem uma catarse	53
Ilustração 3 - Gina dá seu testemunho na igreja	56
Ilustração 4 - Gina e Elias se beijam	58
Ilustração 5 - Personagens levantam as mãos e cantam durante culto	59
Ilustração 6 – Toda igreja canta e levanta as mãos durante o momento musical	59
Ilustração 7 – Silas Malafaia critica cena da Santa Ceia em rede social	60

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Igrejas evangélicas no Brasil.....	14
1.1 Igrejas Históricas	17
1.2 As duas ondas do Movimento Pentecostal no Brasil.....	18
1.3 Uma nova mudança no cenário evangélico brasileiro	20
2. Religião evangélica e mídia televisiva.....	25
2.1 A midiaticização das igrejas neopentecostais.....	27
2.3 Os evangélicos nas Organizações Globo	29
3- Narrativas ficcionais televisivas e Análise do Discurso em Telenovelas.....	36
3.1 A Religião retratada na telenovela.....	39
3.2 Análise do Discurso em Telenovela	42
4. O <i>ethos</i> privado e a conversão da personagem Gina	46
4.1 A história de Gina	48
4.2. A busca pelo conforto e o primeiro encontro com a religião	49
4.3 A identificação com a fé: O relacionamento amoroso de Gina e Elias	54
Considerações Finais.....	62
Referências Bibliográficas	65

INTRODUÇÃO

Desde 1990, o número de evangélicos cresceu consideravelmente no país. Segundo dados do IBGE, em 2012 o número de evangélicos chegava a 22,2% da população, contra 64,63% de católicos. Em 2010 o número era de 15,6% contra 73,9% de católicos. (IBGE, 2012 apud Cunha, 2015, p.61).

Segundo Cunha (2015) o crescimento dos evangélicos se dá por dois fenômenos importantes, a partir dos anos 1990.

(1) o fortalecimento do ramo Pentecostal entre os evangélicos, com o surgimento de um sem-número de igrejas autônomas, autóctones, o que transformou o cenário religioso, em especial do Cristianismo, religião majoritária no País; (2) a consolidação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) como uma igreja midiática, com um claro projeto político de ocupação de espaços de poder na esfera pública. (CUNHA, 2014, p.61).

A partir de então, os evangélicos começaram a ser vistos como um segmento de força no país, e também bastante lucrativo. A música *gospel* teve um grande crescimento em consumo, concomitante ao crescimento da religião. O gênero *gospel* está entre os 20 estilos musicais mais vendidos no Brasil segundo a Associação Brasileira de Produtores de Disco (ABPD), mantendo um crescimento de 15% ao ano (O DIA, 2015).

A música *gospel* teve papel fundamental para a expansão da fé evangélica pentecostal no país. Mendonça (2008), diz que a música *gospel* serviu como “marca do pentecostalismo contemporâneo”.

Essa indústria é constituída por um conjunto de gravadoras que, além de artistas, produtores, músicos e técnicos, agrega retransmissoras de rádio, ocupa espaços pagos nas TVs abertas e estabelece escritórios de promoção e administração das carreiras do seu elenco de cantores. Alguns desses artistas, dada a sua repercussão nacional, têm seus produtos musicais distribuídos por gravadoras da esfera secular, como é o caso da cantora evangélica Aline Barros, com dois CDs e dois DVDs lançados via LGK Music e Som Livre em abril de 2008. (MENDONÇA, 2008, p.229)

Esse reconhecimento da importância da música *gospel* no mercado fonográfico brasileiro atesta o fenômeno denominado “Explosão Gospel”, objeto de análise da pesquisadora Magali Cunha (2007). A música colaborou para que a fé evangélica encontra-se seu espaço dentro da mídia, e não ficasse esquecida dentro desse contexto.

Além das músicas, as igrejas e os líderes evangélicos se destacam na comercialização de impressos; em programas de rádio e TV; pela atuação crescente nas mídias digitais e em outros veículos de comunicação e de mercado, se tornando assim, uma fatia de mercado bastante lucrativa ao setor de entretenimento.

Martino (2003, p.8) destaca a importância de conhecermos a influência dos grupos religiosos para o estudo da comunicação, segundo ele:

Não é mais possível estudar a comunicação de massa sem levar em conta a influência, sobretudo econômica, dos grupos religiosos. Da mesma maneira, não existe abordagem da religião sem privilegiar essa relação com a comunicação. Ter espaço no rádio e na Tv deixou de ser um supérfluo para a divulgação, tornando-se uma necessidade para a sobrevivência.

Dentro desse cenário, este trabalho busca entender como a experiência da conversão e o cotidiano religioso evangélico é representado dentro da mídia brasileira televisiva. Para isso, buscaremos entender o cenário evangélico brasileiro, a inserção dos evangélicos na mídia, e como a Rede Globo retratou os evangélicos na personagem Gina, da novela “Amor à Vida”.

A personagem Gina começou na trama de Walcyr Carrasco como uma personagem sem grande importância, porém, na segunda fase da novela, ganhou um enredo de maior destaque, com direito um relacionamento amoroso que acabou por desencadear uma grande reviravolta na vida da personagem. Gina então começa a passar pela experiência da conversão e a experimentar um novo caminho e uma nova forma de ver a vida.

A personagem buscou saciar o desejo da audiência evangélica de representação na televisão brasileira, sem os costumeiros clichês de fanatismo e extorsão de dízimos, como aconteceu em 1995 com o personagem Mariel (Edson Celulari) na minissérie Decadência e Edilvânia (Suzana Ribeiro) em Duas Caras, ou através do humor, com o personagem Tim Tones (Chico Anísio), que representava um pastor que explorava a fé dos seus seguidores na década de 1980. Tim Tones foi uma crítica aos então televangelistas norte-americanos, que tinham seus programas vinculados aqui no Brasil, mais especificamente a Jim Jones, televangelista que promoveu um suicídio coletivo na Guiana em 1978 (PAEGLE, 2015).

A personagem foi um marco de aproximação da Rede Globo a esse público antes ignorado e estigmatizado midiaticamente. Gina abriu as portas para uma nova visão a respeito da religião evangélica pentecostal e no que ela pode ser positiva para saciar questões de ordem intrínsecas do ser humano. Também fez com que as pessoas de cosmovisões distintas pudessem ver os evangélicos, e mais ainda, os pentecostais, de outra forma, contribuindo para a diminuição do preconceito que ainda há muito que se combater.

O que me levou a estudar a personagem em questão foi a sua nova proposta de retratar a minha própria religião. Como evangélico, sempre senti a carência de uma representação positiva da minha fé nos veículos de comunicação. Os evangélicos sempre foram retratados de forma pejorativa, o que fez aumentar o preconceito que eu e muitos

evangélicos sofremos ao longo da vida, por externar a fé e a cosmovisão cristã de forma pública.

No início do trabalho foi dificultoso encontrar bibliografia a respeito da representação dos evangélicos na mídia ficcional. Este viés ainda é pouco explorado pelos comunicólogos, sendo restrita, até então, literaturas a respeito desse assunto.

A priori, não posso deixar de estacar a monografia da pesquisadora Morgana Gama de Lima a respeito da representação dos evangélicos do cinema nacional, que, para mim, foram fonte de inspiração e referência para esse trabalho. Sobre a história da igreja evangélica e sua inserção no Brasil, destaco os escritos de Alderi de Souza Matos, com vasto estudo sobre assuntos históricos e teológicos a respeito da igreja cristã reformada e outros movimentos evangélicos. Outra importante referência para esse trabalho foi a professora Maria Immaculata Vassalo Lopes e sua grande contribuição para o estudo na telenovela do Brasil. Outra pesquisadora fundamental para esse trabalho foi Magali do Nascimento Cunha e sua vasta contribuição sobre os estudos de mídia e religião, que foram base para o desenvolvimento desse trabalho. Para compreender a metodologia da Análise de Discurso, recorremos a Eni Orlandi, referência nos estudos dessa metodologia.

Em nossa análise, foi fundamental a contribuição do antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte a respeito do *ethos* privado e a conversão do indivíduo a nova fé. Junto a estes destaques se somam artigos e trabalhos acadêmicos diversos que foram de grande valia para a construção desse trabalho.

No primeiro capítulo desse trabalho, farei um apanhado histórico, contextualizando o leitor sobre as diferentes manifestações e doutrinas dentro da religião evangélica através da história, passando pela Reforma de Martinho Lutero, até as igrejas contemporâneas. No segundo capítulo, veremos como os evangélicos se apropriaram da mídia para a divulgação e manifestação da sua fé e a abordagem que a Rede Globo de Televisão tem desse segmento de público. O terceiro capítulo falará sobre as narrativas em telenovelas e sobre a metodologia usada nesse trabalho, inspirada na Análise de Discurso. O quarto capítulo mostrará a análise discursiva das falas e de imagens referentes à personagem Gina usando como base o conceito de *ethos* privado de Luiz Fernando Dias Duarte.

O *ethos* privado nos ajudará a entender o que leva uma pessoa a aderir uma fé e a fazer parte de uma denominação evangélica. Vamos, através de Gina, ver o que se passa no interior daqueles que procuram uma nova religião, mais especificamente, as igrejas pentecostais, e também entender como se deu a representação da igreja com essa mesma teoria.

A metodologia da Análise do Discurso foi escolhida por abranger as condições de produção dos discursos, indo além do que se vê na superfície do produto midiático, mas entender as relações entre o discurso, a ideologia e a sociedade. Assim, a metodologia em questão será fundamental para respondermos o problema de pesquisa que o trabalho se propõe a fazer.

1. IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL

O cenário religioso brasileiro é altamente plural. Nossa sociedade abriga inúmeras manifestações religiosas dos mais diversos dogmas e formas de pensamento. O próprio Cristianismo, religião de maiores adeptos no Brasil, sofreu intensas modificações com o passar dos tempos. A Igreja Católica que antes tinha hegemonia religiosa no país, agora concorre com inúmeras vertentes do cristianismo, que a cada dia adquirem novos adeptos.

A Reforma Protestante popularizou a leitura da Bíblia, o que antes era proibido para os leigos, dentro do contexto católico. Essa liberdade de leitura dos textos sagrados geraram inúmeras interpretações, e com elas muitas novas igrejas surgiram. Cada nova congregação tinha o seu modo de entender e interpretar a Bíblia, o que gerou inúmeras divisões dentro do contexto cristão.

Com o passar do tempo, as igrejas oriundas da Reforma Protestante começaram a se dissipar e a se espalhar de forma plural por várias partes do mundo. Muitas delas se afastaram dos ideais pregadas pelos reformadores. As igrejas originais, que nasceram da Reforma Protestante foram a Igreja Luterana e Igreja Anglicana. As demais partiram de divisão dessas igrejas, gerando inúmeras outras já dentro do continente europeu. Por isso, umas das principais características dessa forma de fé é a heterogeneidade. (LIMA, 2009)

Outra grande característica das igrejas evangélicas é o “sacerdócio universal” (LIMA, 2009). Essa visão amplia as possibilidades de crescimento da fé, pois, segundo essa característica, todo o cristão pode se tornar um sacerdote, um líder de uma comunidade. Isso vai contra o conceito da unificação da Igreja Católica e do clero. Os evangélicos deram para aqueles que eram chamados leigos a oportunidade de se tornarem líderes espirituais.

A ideia do sacerdócio universal não só trouxe uma nova visão sacerdotal, como também regionalizou o perfil da igreja. Essa característica fez com que pessoas que faziam parte de uma determinada comunidade se levantassem como um líder espiritual dessa mesma comunidade de onde saiu. Isso fez com que muitas igrejas fossem criadas com características próprias do local onde nasceram, promovendo uma aproximação ainda maior entre a igreja e o povo.

No Brasil, as igrejas chamadas de evangélicas têm crescido em número de fiéis e templos, e construído um espaço de visibilidade dentro da cultura e do cotidiano social. A fé evangélica se estabeleceu no país, através das intensas migrações europeias no período da

colonização. Na bagagem, os imigrantes traziam dos seus lugares de origem uma nova forma de expressar a fé e aqui a inseriram em nossa cultura.

As primeiras igrejas surgiram no território nacional no século XIX e sua principal característica é a leitura e reflexão da Bíblia Sagrada, conjunto de livros considerado sagrado a todos os cristãos. É possível que o primeiro culto protestante no Brasil tenha ocorrido no ano de 1557, com uma comitiva francesa enviada por João Calvino ao Brasil (LIMA, 2009).

Nos séculos XVI e XVII houve uma invasão de franceses e holandeses no território nacional. Muitas desses invasores eram protestantes, o que despertou o alerta nos portugueses, pois na Europa se levantava um movimento contra a reforma (MATOS, 2011).

Os calvinistas franceses despertaram o interesse em ensinar a nova fé aos indígenas, porém pouco se pode fazer por eles, visto que os indígenas não aceitavam os ensinamentos cristãos com facilidade, o que fez os calvinistas pensarem que eles não pertenciam aos predestinados (MATOS, 2011).

Os Holandeses, por sua vez, se concentraram no Nordeste brasileiro. Em 1630, os holandeses tomaram Recife e Olinda e logo depois grande parte da região Nordeste. Tinham como líder Mauricio de Nassau-Siegen, que incentivava grandemente a ciências e as artes, e também promoveu a liberdade religiosa entre os católicos e judeus da região. (MATOS, 2011)

Matos (2011, s/p), fala em seu artigo sobre como os protestantes holandeses se destacaram na região Nordeste. Segundo ele, “As igrejas destacaram-se pela sua atuação beneficente e sua ação missionária junto aos índios. Havia planos de preparação de um catecismo, tradução da Bíblia e ordenação de pastores indígenas.

Logo após os episódios de invasões, o Brasil permaneceu isolado durante dois anos, e os protestantes só puderam voltar depois de vinda da família real portuguesa em 1808. Com isso, novos imigrantes puderam adentrar o país e se estabelecer em nosso território. Porém, a igreja católica foi considerada religião oficial do império em 1824, sendo vetada a manifestação pública de outras religiões. A liberdade religiosa no Brasil só veio em 1891, com a Constituição Republicana que separava a igreja do estado e declarava liberdade de culto em todo território nacional. (LIMA, 2009)

Lima (2009, p.13-14) elenca alguns aspectos que tornam importante o estudo e a pesquisa dos evangélicos no Brasil. Segundo ela, esses aspectos podem se resumidos em:

- O crescimento do número de evangélicos na América Latina;
- A visibilidade nos meios formais e informais de comunicação;
- O impacto no campo religioso;
- Presença na vida pública e repercussão de seus hábitos na cultura e na política;

- Inserção em regiões consideradas inacessíveis.

Devido à diversidade de divisões ocorridas dentro das igrejas evangélicas, foi necessário criar algumas tipologias para identifica-las. Cunha (2007, p.14-15) mostra essa divisão colocando-as em seis grupos distintos. Basicamente, os protestantes são divididos em históricos e pentecostais. A seguir, a divisão feita pela autora.

- Protestantismo Histórico de Migração:** Quem tem raízes na reforma do século XVI, chegou ao Brasil com o fluxo migratório estabelecido a partir do século XIX, sem preocupações missionáriosconversionistas. É representada pela Igreja Luteranas, Anglicanas e Reformadas.
- Protestantismo Histórico de Missão (PHM)** Também originário da reforma do século XVI, veio para o Brasil trazidos por missionários norte-americanos. No século XIX. Correspondem as igrejas Congregacional, Presbiterianas, Metodistas, Batistas e Episcopal.
- Pentecostalismo Histórico:** assim chamado por suas raízes nas confissões históricas da Reforma, veio para o Brasil no início do século XX com o objetivo missionário. É caracterizado pela doutrina do Espírito Santo, ou seja, pela condição que os adeptos devem assumir de um segundo batismo, o batismo do Espírito Santo, caracterizado pela glossolalia(o falar em línguas estranhas). Composto pelas igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã e Evangelho Quadrangular.
- Protestantismo de Renovação ou Carismático,** que surgiu a partir de expurgos e divisões das chamadas “igrejas históricas”, em especial na década de 60, caracterizado por posturas influenciadas pela doutrina pentecostal. Mantém vínculos com a tradição da reforma e com a estrutura de suas denominações de origem. É formada pelas igrejas Metodistas Wesleyana, Presbiteriana Renovada e Batista da Renovação, entre outros.
- Pentecostalismo Independente** (também denominado neopentecostalismo), que sem raízes históricas na Reforma do século XVI, surgiu (e surge ainda hoje) de divisões teológicas ou políticas nas “denominações históricas” a partir da segunda metade do século XX. Tem como especificidades sua composição em torno de uma “liderança carismática”, a pregação da Teologia da Prosperidade e a Guerra Espiritual, a prática constante de exorcismos e curas milagrosas e o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico. Sua enumeração é difícil, dada a profusão constante de novas igrejas: entre outras, Deus é amor, Brasil para Cristo, Casa da Bênção e Universal do Reino de Deus.
- Pentecostalismo Independente de Renovação,** que apareceu no final do século XX e ganha força no início do século XXI. Possui as características do Pentecostalismo Independente (alguns autores tratam esse grupo de igrejas integrado ao outro), no entanto difere dele por ter como público – alvo as

classes médias e a juventude, estruturando seu modo de ser para alcança-los. Esse modo de ser atenua a ênfase no exorcismo e nos milagres e ressalta a prosperidade e a guerra espiritual. Grupo de igrejas composto pela Renascer em Cristo, Comunidades (evangélicas da graça), Sara Nossa Terra, Bola de Neve, entre outras.

Nosso objeto de pesquisa analisado se encontra entre o Pentecostalismo de Renovação ou Carismático, mesclando também elementos do Pentecostalismo independente.

1.1 Igrejas Históricas

O segmento histórico da igreja evangélica brasileira começa a se estabelecer no território nacional logo após a vinda da família real para o Brasil, em 1808, onde o aconteceu a abertura dos portos a nações amigas pelo então príncipe João. Com isso, muitos imigrantes europeus começaram a se estabelecer no país buscando trabalho e novas perspectivas de vida. (LIMA, 2009)

O protestantismo histórico pode ser dividido em duas vertentes, o protestantismo de imigração e o protestantismo de missão. O primeiro segmento, o protestantismo de migração, foi trazido pelos imigrantes europeus, e não tinham intenções missionárias. Elas se estabeleceram para que os imigrantes pudessem exercitar sua fé, sem pretensão de ganhar novos adeptos das terras locais.

Com a Proclamação da Independência, a preocupação com os direitos dos imigrantes aumentou. A Constituição Imperial de 1824, já garantia em seu artigo 5º alguma liberdade de culto aos não católicos, porém a liberdade só estava garantida em lugares específicos, não sendo permitidas manifestações externas. “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (MATOS, 2011, s/p).

No começo, não haviam ministros ordenados para comandar as novas igrejas, obrigando os imigrantes leigos a ministrarem os cultos, organizando sua vida religiosa. Só em 1850, pastores e missionários foram enviados ao sul do país aos alemães, o que fez desenvolver uma igreja mais europeia.

Segundo Matos (2011), as primeiras organizações protestantes a atuarem em território nacional foram as Sociedades Bíblicas Britânica e estrangeira em 1804 e a Americana em 1816. Havia também duas traduções distintas da Bíblia Sagrada em português, uma feita pelo

Rev João Ferreira de Almeida (1628 – 1691), usada pelos protestantes, e a versão do padre Antônio Pereira de Figueiredo (1725 – 1797) usada pelos católicos.

A Igreja Metodista Episcopal foi à primeira igreja a iniciar trabalhos missionários no Brasil. A Igreja Metodista abre a sua primeira igreja no país em 1876. Foram também os metodistas que fundaram a primeira Escola Bíblia Dominical e a iniciarem o trabalho de capelania junto a Sociedade Americana dos Amigos dos Marinheiros. Dentre os pioneiros estão Fountain E. Pitts, Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder.

Outra grande denominação histórica a chegar ao país foi a Igreja Presbiteriana, fundada pelo norte-americano Ashbel Simonton, em 1863, no Rio de Janeiro. As suas maiores contribuições dos presbiterianos foi a implantação do jornal “Imprensa Evangélica” que teve circulação de 1864 a 1892, e o Seminário do Rio de Janeiro de 1867 a 1870. O primeiro pastor evangélico brasileiro foi um ex-sacerdote José Manoel da Conceição, ordenado em 17 de Dezembro de 1865 (MATOS, 2011).

Logo após a Guerra Civil Americana em 1865, muitos missionários norte-americanos começaram a vir para o Brasil prestar apoio e abrir novas igrejas no território. Thomas Jefferson Bowen e sua esposa foram os primeiros missionários Batistas a chegarem ao país, porém sua missão não foi bem sucedida nesse primeiro momento. Os imigrantes batistas estabeleceram duas igrejas em Santa Bárbara em 1871, e receberam o auxílio dos missionários William Buck Bagby, Zachary Clay Taylor e suas esposas.

O primeiro pastor batista brasileiro foi o ex-sacerdote católico Antonio Teixeira que já tinha ligação com a Igreja Metodista. Em 1882, um grupo de imigrantes batistas fundaram a primeira igreja em Salvador – BA. A Convenção Batista Brasileira foi fundada em 1907.

Durante os anos 60, alguns episódios marcaram a expansão das igrejas evangélicas no Brasil, como o Concílio Vaticano II (1962-65) e a implantação da ditadura militar, que obrigou as igrejas brasileiras a se desligarem de suas matrizes norte-americanas e a caminharem com suas próprias pernas. (LIMA, 2009).

1.2 As duas ondas do Movimento Pentecostal no Brasil

Em 1910, inicia no Brasil um novo movimento protestante chamado de Pentecostalismo. O termo Pentecostalismo se deriva da Palavra Pentecostal, que faz referência à festa judaica de pentecostes. Segundo a tradição bíblica, os discípulos estavam reunidos na primeira festa de pentecostes depois da ascensão de Jesus Cristo, quando o Espírito Santo desceu sobre eles, e então, começaram a falar em novas línguas. Por isso, a principal

caracteriza desse movimento é o Batismo no Espírito Santo que é o ato de “falar em línguas” ou glossolalia.

O pentecostalismo brasileiro pode ser dividido em duas fases, ou “ondas”. A primeira delas surgiu em 1910, com o nascimento da Congregação Cristã do Brasil e mais tarde, em 1911, com a Assembleia de Deus.

A Congregação Cristã do Brasil foi fundada pelo italiano Luigi Francescon, em São Paulo. Luigi fazia parte da Igreja Presbiteriana na Itália, e mais tarde aderiu ao pentecostalismo em Chicago nos Estados Unidos. Luigi veio ao Brasil e iniciou um trabalho dentro das comunidades italianas no país. As primeiras igrejas surgiram nas comunidades em São Paulo e Santo Antônio da Platina, no Paraná. Depois de algum tempo, as igrejas expandiram suas ações aos demais brasileiros, não ficando mais restrita à comunidade italiana. (LIMA, 2009).

A Assembleia de Deus teve início com dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que se instalaram em Belém do Pará. Gunnar e Daniel também aderiram ao pentecostalismo nos Estados Unidos, e depois decidiram vir ao Brasil para realizar obras missionárias. Primeiramente congregou na Igreja Batista, porém, com a relutância dessa denominação em aceitar a doutrina pentecostal, a igreja acabou por se dividir, gerando uma nova denominação.

A Assembleia de Deus é hoje a maior denominação evangélica do país. Segundo site “Gnotícias” em matéria publicada em 2011, a Assembleia de Deus já somava 22,5 milhões de membros no Brasil. A igreja também é a maior igreja pentecostal no mundo com 64 milhões de membros, 363.450 ministros, 351.645 igrejas em 217 países. (GNOTICIAS, 2011).

Segundo Nina Gabriela Rosas (2009, p.2), as igrejas pentecostais possuem algumas características bem definidas.

(..) se caracteriza por agregar membros de pouca escolaridade e pequena renda, apresentar forte resistência com o catolicismo, acreditar na volta imediata de Cristo e no paraíso como redenção dos sofrimentos terrenos e dar grande ênfase ao dom de línguas. Além disso, esses crentes apresentavam um comportamento radical de sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo.

A segunda onda do pentecostalismo brasileiro começa em 1950, com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular ao Brasil. A Igreja Quadrangular teve início nos Estados Unidos através de sua fundadora Aimee Simple McPherson, e chegou ao Brasil em 1951 através do missionário norte-americano Harold Williams, que nos Estados Unidos havia sido ator de filmes de faroeste. A Igreja Quadrangular traz para dentro do pentecostalismo uma nova característica, o sacerdócio feminino.

Outra denominação que se destaca nessa fase é a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo. Essa igreja faz parte de uma divisão ocorrida com os primeiros pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular em 1956. Outra denominação importante nessa segunda fase foi a Igreja Pentecostal Deus é Amor, fundada pelo missionário David Miranda em 1962. É da Igreja Deus é Amor uns dos maiores templos evangélicos do país, localizado em São Paulo com capacidade para 10 mil pessoas.

“As igrejas da segunda fase tiveram como fator favorável para o seu crescimento o processo de urbanização das cidades e a estruturação de uma sociedade de massa com o advento de meios de comunicação como o rádio” (LIMA, 2009, p.19).

1.3 Uma nova mudança no cenário evangélico brasileiro

A partir dos anos 1970, começa a se estabelecer no Brasil uma nova corrente de igrejas, que se diferenciava das já conhecidas pentecostais da primeira e da segunda fase. Essas novas igrejas foram chamadas de “neopentecostais”, e tinham como principal aliada o crescimento da urbanização e das mídias.

Uma denominação que foi berço de inúmeras igrejas neopentecostais que são conhecidas hoje foi a Igreja Nova Vida, fundada em 1960, fruto de uma ruptura com a Igreja Assembleia de Deus.

Esta igreja foi uma das primeiras a levar o pentecostalismo para a classe média, com um formato menos conservador, e investiu nos meios de comunicação. Ao mesmo tempo em que a sua origem está ligada à Assembléia de Deus, ela mesma abrigou pessoas que seriam as fundadoras de três novas igrejas, a saber: Edir Macedo que fundou a Igreja Universal do Reino de Deus e Romildo R. Soares, cunhado de Edir Macedo e fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus. (LIMA, 2009, p.20)

Em 9 de Julho de 1977, nascia no estado do Rio de Janeiro a Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo pastor Edir Macedo. A igreja começou suas atividades no prédio de uma pequena antiga funerária, e em 30 anos se tornou uma das maiores e mais poderosas denominação religiosa do país, com destaque para os megatemplos e exposição na mídia (MARIANO, 2004).

As principais características da Igreja Universal é a ênfase na batalha espiritual, exorcismos, doutrinas liberais e pela pregação da “Teologia da Prosperidade”, que consiste na visão de que todo o cristão, filho de Deus, deve ser próspero em todos os sentidos da vida, e ser reconhecido como alguém vitorioso. (LIMA, 2009)

Para se tornar pastor na Igreja Universal, não é necessário longos anos de estudo como nas igrejas anteriores ao neopentecostalismo. Ricardo Mariano (2004, p.7), citando um ex-pastor da denominação, o processo é mais simples e rápido:

Para ser pastor na Universal, “os requisitos são a conversão, a dedicação e o desejo de fazer a obra de Deus. Em alguns Estados há um curso especial e intensivo com duração de seis meses, no qual o obreiro é orientado nos princípios básicos do cristianismo e da IURD”, afirma o ex-pastor José Vasconcelos Cabral. Exigências simples e nada elitistas – conversão, dedicação e desejo – facilitam a formação de novos pastores e aceleram o ingresso dos candidatos ao trabalho pastoral.

R.R.Souares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, também compartilha da mesma visão. Segundo ele, os pastores aparecem naturalmente, como jogadores de futebol, sem a necessidade de estudos em seminários. A aversão ao estudo teológico dos pastores é comum no segmento neopentecostal, que visa à expansão rápida e resultada em curto prazo (MARIANO, 2004).

Nesse período também, as doutrinas pentecostais começaram a influenciar de maneira considerável as igrejas históricas brasileiras. Pela relutância dessas igrejas em modificarem suas doutrina, muita grupos foram desligados das igrejas históricas e formaram novos segmento dessas igrejas, chamadas de “renovadas”. Algumas dessas igrejas foram a Igreja Metodista Wesleyana, Presbiteriana Renovada e Batista Nacional. O movimento pentecostal também influenciou a Igreja Católica, com o surgimento do “movimento carismático”¹.

Devido à forte exposição na mídia, as igrejas neopentecostais possuem características próprias de liturgia. Elas colocam grande ênfase a experiências “mágico-religiosas de cunho terapêutico” (LIMA, 2009). Também a grande vinculação de testemunhos por parte dos fieis com historias de curas e sucesso nas áreas pessoais e profissionais. Os cultos costumam ser transmitido por algumas plataformas de mídia, o que acaba influenciando a maneira de como os cultos (ou reuniões) são feitos.

Algumas igrejas neopentecostais já passaram por escândalos na mídia. Não foram poucas as denúncias feitas por diversos órgãos de imprensa contra algumas igrejas neopentecostais. Um grande escândalo aconteceu em 1992, com o líder da Igreja Universal, bispo Edir Macedo. Macedo foi preso acusado de charlatanismo, estelionato e curandeirismo (MT AGORA, 2015). Outra igreja a se envolver em escândalo foi a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, liderada pelo casal Estevam e Sonia Hernandez. Em 2007 o casal foi

¹ O movimento carismático católico nasceu nos Estados Unidos na década de 1960, na qual jovens buscavam uma renovação espiritual dentro do catolicismo romano. Inspirados nos movimentos pentecostais protestantes. O Movimento Carismático buscou trazer uma renovação espiritual para dentro da igreja, porem sem se desligar dela, mantendo a unidade da igreja. (VALLE, 2004)

preso nos Estados Unidos por transportarem US\$ 56 mil reais em dinheiro vivo dentro do avião, sendo que foram declarado apenas US\$ 10 mil a alfandega. (G1, 2007)

Apesar dos escândalos citados, não podemos generalizar a todas as igrejas desse segmento. Muitas nunca tiveram seus nomes ou dos seus líderes envolvidos em algum escândalo, porém agem de forma ética, contribuindo com a sociedade através de inúmeras obras sociais e de conforto espiritual a todos que nelas procuram. Os casos de escândalos devem ser considerados exceções.

Gerson Leite de Moraes (2010) se propõe a fazer uma análise sobre o conceito neopentecostal. Primeiramente ele expõe algumas características comuns a esse novo movimento religioso, apesar de ressaltar a heterogeneidade que essas igrejas possuem, comum no meio protestante.

“Neopentecostal”, utilizada por inúmeros estudiosos do Pentecostalismo no Brasil, especificamente para se referir às igrejas da terceira onda, nascidas a partir da década de 1970, e que teriam como características básicas – apesar da falta de homogeneidade – posturas menos sectárias e ascéticas, uma postura mais liberal e tendências a investir em atividades extra-igreja, quando comparadas com suas antecessoras do Pentecostalismo clássico e do Deuteropentecostalismo (MORAIS, 2010, p.2).

Apesar de apresentar essas características, Moraes resalta que o termo neopentecostal é um “conceito-obstáculo” para a compreensão do fenômeno neopentecostal. O autor explica que a expressão “conceito-obstáculo” foi tomado por ele emprestado de uma obra do historiador brasileiro Ciro Flamarion Cardoso, que a usou quando “este tratou da necessidade de se a construção do espaço mediante um diálogo com autores europeus” (MORAIS, 2010, p.3). O historiador usou essa expressão para falar de uma crítica ao conceito de “região” tal como foi herdado de um determinado contexto. Nisso o autor chamou de “conceito-obstáculo”

Ricardo Mariano (apud Moraes, 2010) em 1995 fazia uma análise apurada em sua dissertação de mestrado sobre esse novo movimento de igrejas neopentecostais que estava em constante expansão desde os anos 70. Mariano ressaltará que haviam constantes mudanças dentro dessas igrejas, e que essas transformações acarretariam em novas igrejas, diferentes das surgidas nos anos 70 (MARIANO, 1995 apud MORAIS, 2010).

Vinte anos mais tarde, podemos ver que a hipótese de Mariano se tornou real. Segundo o site “Gospel Prime”, abrem no ano cerca de 14 mil igrejas evangélicas no país, sendo elas de grande maioria neopentecostal. (GOSPEL PRIME, 2015). Muitas dessas igrejas tiveram transformações em suas doutrinas dez dos anos 70, quando o movimento começou. Por isso, Moraes afirma que o conceito neopentecostal está desgastado e precisa ser revisto.

Apesar de o termo ter sido muito válido no contexto religioso brasileiro na década de 90, hoje em dia pode-se dizer que o conceito neopentecostal envelheceu. O prefixo neo não designa nada de novo no que tange ao movimento pentecostal brasileiro. Há quinze ou vinte anos isso podia ser uma verdade inquestionável e que resolvia muitos problemas para os pesquisadores de religião no Brasil (MORAIS, 2010, p. 5).

Muitas das igrejas neopentecostais não se encaixam nas características de doutrinas liberais e modernas, como a conceituação a definem. O autor faz um paralelo entre o líder da Igreja Universal e Igreja da Graça sobre o tema aborto e homossexualidade. O líder da Igreja Universal, Edir Macedo, externa opiniões bastante modernas a respeito desse assunto, tendo expressado diversas vezes que não vê problemas em relação ao aborto e a homossexualidade, bem diferente das opiniões do missionário R.R.Souares, e se mostra mais conservador diante desses temas. Apesar das suas denominações terem visões diferentes, ambas são consideradas igrejas neopentecostais.

Morais (2010) levanta uma diferença importante quando comparamos os pentecostais às igrejas históricas, para isso, o autor usa os termos “resistência” e “re-existencia. As igrejas históricas se encaixariam dentro do termo de resistência, pois elas não são moldáveis ao contexto que os circuncida. Muito dificilmente, uma igreja histórica mudará seu modo de pensar ou suas doutrinas para acompanhar os novos tempos. Diferente das igrejas neopentecostais que são re-existent” ou seja, suas doutrinas não capazes de adquirir características comuns ao seu contexto, fazendo com que a igreja se adegue mais ao seu tempo.

Para propor um novo termo para designar os neopentecostais, Morais (2010) traz para sua análise o conceito de “transmídia”, fenômeno muito atual dentro na cultura midiática, na qual trata das múltiplas plataformas midiáticas que um individuo pode estar ligado ao mesmo tempo, por exemplo, assistindo televisão e conectado a internet pelo seu celular.

Visto esse conceito de transmídia, o autor propõe o conceito de “transpentecostalismo”, como melhor termo para se referir à nova onda de pentecostais a partir dos anos 70.

Essa mudança de termo, se justifica segundo o autor pela grande pluralidade que existe dentro das igrejas neopentecostais, sendo difícil defini-los em um termo estático. Segundo ele:

(...) nenhum termo ou conceito marcado pela rigidez e situado historicamente pode nos ajudar a responder tais questionamentos. Um termo mais flexível e abrangente pode realizar tal tarefa. Por isso, optamos pelo uso do conceito transpentecostal em detrimento do conceito neopentecostal, em relação à terceira onda do Pentecostalismo brasileiro (MORAIS, 2010, p.18).

No século XXI, muitas outras igrejas surgiram com foco em públicos específicos, principalmente o público jovem. Essas igrejas adaptaram suas linguagens, músicas e liturgia para uma maior aproximação e busca de identidade com seus públicos específicos. Dentre essas novas igreja, podemos citar a Bola de Neve Church, fundada pelo Apóstolo Rina, voltada ao estilo surfista e a Missão Praia da Costa, fundada pelo casal Simonton e Mirna Araujo, com foco no público jovem.

Foram muitas as mudanças ocorridas na igreja evangélica desde a Reforma Protestante promovida por Lutero. As denominações ousaram e se modernizaram, chegaram a lugares onde os mais antigos sequer imaginavam chegar. A igreja modificou suas doutrinas e abriu espaço para o que antes era considerado profano ou pecado. Um desses novos terrenos foi a mídia. No próximo capítulo vamos ver como se deu essa junção dos evangélicos com a mídia e como isso acarretou em novas mudanças para dentro das igrejas. No capítulo 4 voltaremos a mencionar esse capítulo para analisarmos a igreja da personagem Gina e ver como essa igreja foi retratada.

2. RELIGIÃO EVANGÉLICA E MÍDIA TELEVISIVA

O desejo de usar os meios de comunicação se tornou prioridade para várias instituições religiosas, principalmente das igrejas neopentecostais. O investimento em mídia não se resume somente em programas de televisão ou inserção na internet. A mídia tem interferido inclusive dentro da liturgia dos cultos e mudado a forma como as igrejas se constituem. Isso caracteriza a forte interação entre o campo religioso e midiático na sociedade contemporânea.

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, os campos sociais são lugares de disputa, onde os atores que o constituem lutam constantemente entre si para alcançar os objetos de disputa de cada campo. Segundo o sociólogo:

Um campo,(...) se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo (cada categoria de interesses implica na indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1983, p.1)

O campo midiático é em sua essência, um campo que reproduz discursos oriundos de diferentes campos sociais. Fiegenbaum (2006, p.67), caracteriza o campo da seguinte maneira:

Porque o discurso midiático caracteriza-se por uma porosidade cuja a finalidade é contaminar e deixar-se contaminar por outras modalidades de discurso, o que é precisamente o que lhe confere as características que o credenciam a exercer as suas funções de mediação. Enquanto o discurso dos não midiáticos são esotéricos, o discurso do campo dos mídias é exotérico.

No campo midiático, a principal moeda de troca é a visibilidade. Todos aqueles que estão dentro do campo midiático buscam a visibilidade e o reconhecimento por parte dos outros campos. Cabe a ele também o dever de regular os demais campos, fazer com que os campos se reinventem, reflitam sobre suas práticas e mude o que está errado. O campo midiático também pode prejudicar ou reter a visibilidade de alguém ou de alguma organização, como forma de punição.

O campo religioso, por sua vez, busca trazer respostas ao sentido da existência e valor dos seres humanos através de ritos, cerimônias e crenças. Sobre a certeza da morte, a religião

é aquela que se propõe a trazer a continuidade da vida e estabelecer limites as questões introspectivas dos seres humanos (FIEGENBAUM, 2006, p. 63).

Portanto, o campo religioso caracteriza-se por uma simbólica formal, restrita aos especialistas do seu corpo social, por uma legitimidade própria para enunciar as suas regras e valores ortodoxos e um sistema de sanções rígido que implica na conservação de dogmas e princípios estabelecidos em longos processos históricos.

O campo religioso se associou a outros campos para se manter diante da nova realidade social. Martino (2003, p.34), fala sobre essa nova realidade do campo religioso na sociedade contemporânea.

O campo religioso, por sua vez, passou por uma situação progressiva de descaracterização e assimilação progressiva de suas atividades por outros campos sociais, mais bem posicionados e reconhecidos como detentores de maior prestígio – uma “dissolução do religioso”, nas palavras de Bourdieu

A modernidade e o pensamento racional pós-iluminista enfraqueceram a hegemonia da igreja. Conceitos que por durante séculos foram aceitos sem problemas pelos indivíduos, agora passaram a ser questionados. Martino (2003, p.25-26) fala das consequências que a secularização trouxe para dentro das religiões.

Assim, com a secularização, o progresso teria tirado o lugar preponderantemente da religião do mundo. Pretende-se que, com o desenvolvimento do processo científico, a crença religiosa tenha perdido seu papel elucidativo, isto é, sua capacidade de determinação de sentidos aos fatos sociais. Passou-se a ver a religião como um acessório, plenamente dispensável para a compreensão do mundo.

A secularização fez com que a igreja perdesse o controle da sociedade, principalmente sobre a parte jurídica e cultural. Isso se remete ao fato da religião não conseguir mais impor a suas ideias ao indivíduo, como fazia anteriormente.

Em uma sociedade secularizada, a religião é vista como “instrumento de apedeutas, sedentos de encontrar nela as respostas que são incapazes de obter valendo-se da ciência” (MARTINO, 2003, p.26).

Com isso, a religião começou a ficar cada vez mais desgastada, sua hegemonia se enfraqueceu e seu poder foi sendo enfraquecido gradativamente por outra grande força que se levantará, a ciência e o pensamento racional.

Temendo perder fiéis para a modernidade, as religiões contemporâneas passaram a investir fortemente em mídias e a “modernizar” alguns pensamentos.

Então, alguns erigiram a modernidade como inimigo a ser combatido sempre que possível. Ao contrário, outros vêem a modernidade como uma espécie de visão de mundo invencível à qual crenças e práticas religiosas devem adaptar-se. Em outras palavras, rejeição e adaptação são duas estratégias possíveis para as comunidades religiosas em um mundo visto como secularizado (BERGER, 2000, p.3).

Essa nova forma de ser igreja acarretou em profundas mudanças no campo religioso. A igreja deixou de fazer parte do coletivo, para se tornar privada. Como explica Fiegenbaum (2006)

O processo de secularização interna levou o campo religioso a sofrer profundas transformações, modificando inclusive seu papel da sociedade. A religião, que até então tinha sido detentora de uma visão de mundo totalizante e hegemônica, ficou restrita a esfera privada do indivíduo (FIEGENBAUM, 2006, p. 60).

Na modernidade, a mídia e o entretenimento ocuparam o lugar da religião, sendo ela agora a fonte de prazer e respostas para a grande maioria dos indivíduos. Com isso, a religião buscou se apropriar dessa nova linguagem e resolveu se unir a ela, como tentativa de manter a sua hegemonia e consolidar o seu espaço dentro do mundo contemporâneo.

Essa adaptação não tem somente uma motivação de adequação cultural, mas também lógica de mercado. O “mercado das religiões” cresceu imensamente nos últimos anos. Novas religiões, seitas, visões de mundo surgem a todo o momento. O Cristianismo passou a ter várias vertentes, e se desmembrou a muitos dogmas, crenças e organizações dos mais diferentes estilos e gostos.

2.1 A midiaticização das igrejas neopentecostais

Na busca pela expansão e propagação das suas mensagens, as igrejas contemporâneas tem se apropriado cada vez mais de ferramentas midiáticas para propagação da sua fé. Não são poucas as igrejas que contêm programas de rádio e televisão, usam plataformas na internet e mídias sociais para promover sua mensagem. Uma grande variedade de igrejas tem se apropriado e tendo grande êxito dentro dos chamados “tele-evangelismo”.

Thomé (2011) traz a tona o conceito de “Igrejas Eletrônicas” caracterizado como “a utilização intensa e crescente dos meios eletrônicos, em especial a Tv, por líderes religiosos, projetando uma imagem personalizada e relativamente autônoma em relação a congregação religiosas tradicionais” (THOMÉ, 2011, p.3).

As igrejas eletrônicas tiveram seu berço nos Estados Unidos, na década de 50, 60 com grandes nomes do evangelismo norte-americanos. Então entre esses evangelistas Billy Graham e Oral Roberts, por exemplo (THOMÉ, 2011).

Essa série de tele-evangelistas surgiu quando os Estados Unidos estavam mergulhados em uma profunda crise econômica, política e social. Também aconteceu o episódio da derrota dos americanos na guerra do Vietnã, o que abalou grandemente a estrutura do país.

No Brasil, vários desses tele-evangelistas norte-americanos tiveram seus programas traduzidos e veiculados no país. Alguns desses pregadores foram Jimmy Swaggart e Rex Humbard (THOMÉ, 2011). O primeiro programa religioso evangélico nacional foi apresentado pelo pastor Nilson do Amaral Fanini, da Igreja Batista de Niterói, e chegou a atingir 42 milhões de pessoas.

Mais tarde, novos tele-evangelistas começaram a surgir. Um destes foi Romildo Ribeiro Soares, conhecido no meio evangélico por Missionário R.R. Soares. Romildo é pastor fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), igreja que pertence a vertente neopentecostal. R.R. Soares conta que a vontade de pregar o evangelho na televisão surgiu ainda jovem, quando tinha 11 anos de idade. Ele foi convidado pelo seu primo para ver as televisões na vitrine de uma loja em Cachoeiro do Itapemirim e viu as reações espantadas das pessoas que passavam pela loja. Então o missionário Soares diz que sentiu o desejo de falar de Jesus através da televisão, e disse que, se tivesse condições, usaria o meio para pregar a palavra (ARAÚJO, 2011, p.2).

Soares matinha um programa na extinta TV Tupi, no ano de 1977, sendo um dos primeiros pastores a fazer programas de televisão. Porém em 1994, o missionário Soares conseguiu que seu programa evangelístico chegasse ao horário nobre, apesar dos altos custos no horário.

Outro líder evangélico neopentecostal que obteve grande destaque na mídia foi Bispo Edir Macedo. Ele apresentava o programa “O Despertar da Fé” de segunda sexta-feira na Rede Bandeirantes de Televisão. O bispo pertence a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), na qual ele é fundador e presidente.

O programa seguia o formato da grande maioria dos programas neopentecostais na televisão. Possuía grande ênfase nas curas e libertações espirituais, testemunhos e manifestações de emoção. Thomé (2011) faz uma análise de como é produzido o programa da IURD. Segundo ele:

Há grande cuidado com a técnica televisiva, com a abertura e o final bem trabalhados, boas angulações das tomadas, mixagem e editoração. Uma parte maior do programa era dedicada à entrevistas e testemunhos, com certo requinte de detalhes e simulação jornalística. Os entrevistadores interrompiam a todo momento os entrevistados, direcionando o diálogo a objetivos preestabelecidos e inserindo fragmentos da doutrinação religiosa (THOMÉ, 2011, p.6).

Toda essa diversidade fez com que as organizações religiosas adquirissem as lógicas de marketing e trouxessem-nas para dentro das igrejas. Por isso, o estar na mídia, o se

destacar e se diferenciar no meio da multidão se tornou uma preocupação latente no seio das igrejas atuais.

Porem essa nova realidade trouxe muito desgaste para dentro de muitas igrejas. Líderes religiosos promovem verdadeiras guerras² por espaços nas redes de televisão e rádios. Hoje estar na mídia se tornou o desejo maior de muitos religiosos brasileiros. Jaques Derrida fala que se uma religião não controlar a cultura e a mídia dentro de uma sociedade “capitalístico-midiático”, elas simplesmente não existem (DERRIDA; VATTIMO, 2000, p.37 apud MENDONÇA, 2008,p.226).

2.3 Os evangélicos nas Organizações Globo

As Organizações Globo (OG) sempre tiveram como tradição valorizar a fé católica em suas produções. Isso se deve ao fato da família Marinho, proprietária das Organizações Globo, ser uma família tradicional, ideologicamente de direita e confessar a fé Católica Apostólica Romana tradicional (CUNHA, 2015).

O Catolicismo Romano e suas autoridades eclesiais sempre tiveram espaço de destaque na programação da Rede Globo, no Jornal O Globo e nas rádios da Organização. O enfoque foi, em sua maioria sempre positivo, e apesar do catolicismo não ser mais considerada a religião oficial do Brasil, a Globo sempre a retratou dessa maneira.

As demais vertentes do Cristianismo não tinham praticamente espaços de destaque na emissora, bem como as demais religiões como o espiritismo e as religiões afrodescendentes, sendo que essa última geralmente era retratada na teledramaturgia como parte da cultura nacional. (...) “o Cristianismo era representado como sinônimo de Catolicismo, sendo aos evangélicos relegadas pequenas notas no jornalismo das OG, esporadicamente.” (CUNHA, 2015, p. 61)

² Um exemplo dessa guerra por espaço na mídia aconteceu em Novembro de 2013, protagonizada pela IURD e pela Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), representada pelo seu fundador Apostolo Valdemiro Santiago. No dia 9 desde mês de ano, a IURD comprou grande parte da programação da Rede 21, pertencente ao grupo Bandeirantes de comunicação. Antes disso, a IMPD já possuía 21 horas de programação da Rede 21. Ambas as igrejas também brigam pelo por espaços nas madrugadas da Rede Bandeirantes e Rede Tv (OBSERVATORIO DE IMPRENSA, 2013).

Para que as emissoras de rádio e televisão possam transmitir suas programações na Tv aberta, é necessário passar por um processo licitatório, visto que a exploração do espaço é concedida em forma de concessão pública. A legislação prevê para as emissoras contempladas com a concessão um espaço de 25% da programação para a publicidade. Porém as emissoras têm alugado seus horários livres para a programação religiosa e comercial, ultrapassando o limite de 25 % estabelecido por lei.

O debate a respeito desse assunto é extenso e deve ser ponderado as opiniões de ambos os lados, levando em consideração questões éticas do uso do espaço público e das emissoras de radio/tv e suas arrendatárias. É provável que os debates e as intensas brigas das emissoras pelos horários de televisão causem mudanças na legislação vigente tornando mais rigorosas as punições para essa prática.

Porém a partir dos anos 90, devido à expansão das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, este segmento começou a ganhar espaço na mídia. Os evangélicos passaram a chamar para si uma representação midiática, e assim, as igrejas começaram a se inserir nos meios de comunicação de massa.

Toda essa expansão do público evangélico culminou no forte crescimento do “mercado da religião”. Os evangélicos passaram a ter produtos feitos de forma personalizada, atendendo a essa demanda de mercado em expansão.

Os cristãos tornam-se um segmento de mercado com produtos e serviços especialmente desenhados para atender às suas necessidades religiosas de consumo de bens, de lazer e de entretenimento. Empresas seculares passam a produzir bens de consumo identificados com a religião cristã. Gravadoras importantes na indústria fonográfica abrem espaço para o segmento cristão. As vendas de instrumentos musicais também são ampliadas por conta do mercado evangélico. Amplia-se a produção de entretenimento religioso com espetáculos musicais e programas específicos na TV e no rádio. Tudo compõe um mercado impulsionado pelos evangélicos que movimenta bilhões de reais por ano e gera milhões de empregos (CUNHA, 2007 apud CUNHA, 2015, p.62).

Assim, com o crescimento de um novo público consumidor, diminuição dos católicos e empoderamento de igrejas neopentecostais, representados principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), as OG passaram por uma grande mudança de discurso dos anos 1990 em diante. Viram que a sua hegemonia de vários anos nos meios de comunicação de massa brasileiros estava sendo abalada por emissoras que se levantavam com grande força, e que tinham como aliada essas novas igrejas.

O fato que mais abalou essa hegemonia midiática das OG foi a aquisição da Rede Record de Televisão pelo fundador e presidente da IURD Bispo Edir Macedo. Macedo busca com a Rede Record alcançar a liderança da audiência televisiva do país, desbancando a posição ocupada pela Rede Globo de Produção. Isso forçou as OG a se reinventarem e a fazerem uma mudança drástica de discurso em suas plataformas de comunicação.

O crescimento da Rede Record e da mídia evangélica no país faz com que as OG ficassem ameaçadas, e adotassem nesse momento uma estratégia de ataque. A OG fizeram inúmeros ataques às igrejas evangélicas em seus produtos, tendo como principal alvo a IURD e a figura do seu líder, Bispo Edir Macedo.

As OG construiu nesse período a imagem dos evangélicos como sendo exploradores da fé, usando a religião como meio de ganho de dinheiro e poder. Com isso, a Globo usou dos seus produtos jornalísticos para atacar os líderes e seus discursos. Colocou no ar denúncias de desvio de dízimos e uso irregular das contribuições dos fieis, denunciou cenas de fanatismo e ataques a Igreja Católica.

(...) em 1992, este o ano em que o bispo Edir Macedo foi preso com acusações de charlatanismo, curandeirismo e envolvimento com o tráfico de drogas, as mídias deram farta cobertura. Em 1995 a Rede Globo transmitiu denúncia no Jornal Nacional sobre a exploração dos fiéis com os dízimos e ofertas da igreja, material também veiculado no programa dominical Fantástico. Este processo culminou com a veiculação da minissérie de ficção Decadência, de Dias Gomes, sobre a vida de um pastor evangélico corrupto e devasso levado às telas pelo ator Edson Celulari. 1995 foi também o ano do episódio do “chute na santa”, que rendeu novas matérias críticas à IURD e ao seu líder (BRASIL, 2003; MARIANO, 2004 et al apud CUNHA, 2015, p.63).

Porém os inúmeros ataques a IURD e a demais igrejas neopentecostais não pararam a sua expansão. A Rede Record continuava investindo em sua programação com teledramaturgia e produções cada vez mais sofisticadas. Com isso, alcançou a vice-liderança de audiência e fez com que as OG mudassem de estratégia, partindo do ataque para a união a esse segmento.

Esta postura de combate aos evangélicos e defesa do catolicismo foi alterada no final da primeira década dos anos 2000. A força dos evangélicos no campo cristão, no crescimento numérico, na intensa presença nas mídias ou no fortalecimento do poder político, como segmento que faz explodir o mercado fonográfico gospel e outros bens e serviços que levam a marca da religião, na visibilidade pública com os eventos de massa (marchas, shows, festivais), torna-se inegável e inevitável para as empresas de mídia (CUNHA, 2015, p. 63-64).

A partir dos anos 2000 as OG não buscam mais atacar as igrejas e seus líderes, mas sim busca uma aproximação cada vez maior com esse público, mudando drasticamente a posição dos seus produtos a respeito desse segmento.

A partir de 2009, a Globo passa a desenvolver produtos direcionados para o segmento religioso, porém não mais privilegiando somente a Igreja Católica, no entanto, tenta mostrar de forma positiva, o que inúmeras religiões tem feito, principalmente pelo viés social.

Neste mesmo ano, a Rede Globo coloca no ar, em seu principal telejornal, uma série de reportagens falando dos trabalhos sociais realizados pelas igrejas evangélicas, em grande parte pertencente ao segmento histórico. A série conta um pouco da história dessas igrejas e mostra, de forma positiva, como elas têm impactado positivamente seu meio social. Juntamente a isso, a Globo lança na sua programação a série Sagrado, programa que visa mostrar os diferentes pontos de vista de diversas religiões a respeito de assuntos polêmicos da sociedade. (CUNHA, 2015)

Outro grande investimento por parte das OG foi com a música Gospel brasileira. A Som Livre, pertencente às OG, passou a investir em cantores e grupos evangélicos, colocando eles presente ao longo da programação da emissora. Os programas de entretenimento da Rede Globo passaram a dar espaço aos cantores evangélicos em seus palcos. “Fausto Silva chegou a

afirmar na primeira apresentação de Aline Barros e Fernanda Brum em seu programa em 27 de junho de 2010: ‘Agora abrimos a porteira’’. (CUNHA, 2015, p. 65).

Outro grande projeto de aproximação da OG para com os evangélicos foi o “Troféu Promessas” e “Festival Promessas”. O Troféu Promessas foi uma premiação promovida pela Rede Globo que premiava os principais cantores gospel nacionais, em diferentes segmentos, sob o voto popular.

O Troféu Promessas ajudou a fomentar ainda mais o mercado gospel brasileiro, mas também serviu como mais uma ferramenta para atacar a IURD, e consequentemente a Rede Record, visto que a IURD também mantinha uma premiação com o mesmo foco, denominada de “Troféu Talento”.

Outro grande investimento na música gospel e na aproximação com o público evangélico foi o “Festival Promessas”, evento que apresentava os principais artistas gospel do país, em um evento ao vivo que posteriormente foi exibido como especial de fim de ano da Rede Globo.

O Festival Promessas foi primeiro show gospel patrocinado pela Rede Globo, na tarde-noite de sábado, 10 de dezembro, no Aterro do Flamengo, no Rio, com entradas ao vivo na programação (inclusive no programa de maior audiência da emissora, o Jornal Nacional). O evento, que teve o apresentador da Globo Serginho Groisman como "mestre de cerimônias", foi palco para nove dos mais destacados cantores e bandas do mercado da música gospel. (...) segundo os dados do Ibope, conquistou liderança de audiência com 13 pontos em São Paulo, chegando a picos de 19 no Rio de Janeiro (CHAGAS, 2011 apud CUNHA, 2015, p.65).

Outra grande estratégia de aproximação das OG com o público evangélico foi o interesse de conhecer e construir um relacionamento com as lideranças de influencia do segmento. Um desses líderes é o Pastor Silas Malafaia, atual pastor presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Silas Malafaia é uma das principais lideranças do meio evangélico, e dito por uma grande maioria como porta-voz dos evangélicos.

No final de 2010, a OG na pessoa do seu vice-diretor João Roberto Marinho, tenta estabelecer um dialogo entre a organização e esse importante aliado em sua aproximação com esse novo nicho de mercado. “O pastor declarou que Marinho teria alegado precisar conhecer mais o mundo dos evangélicos já que a emissora teria percebido que Edir Macedo não seria ‘a voz’ dos protestantes no Brasil” (CUNHA, 2015, p.66).

A visita do Pastor Silas Malafaia deu abertura ao dialogo entre a organização e demais lideranças evangélicas, que passaram a circular pelas dependências das OG e influenciar de certa forma na elaboração dos produtos da empresa. Com esses diálogos, a OG buscou ligar pontos de interesses entre eles e os evangélicos. No final de 2012, doze pastores foram convidados a conhecer o “Projac”, complexo de gravação dos projetos da organização. As OG

se comprometeram em apoiar importantes eventos evangélicos como a “Marcha para Jesus”, e estes em troca se comprometeram a apoiar do Festival Promessa (CUNHA, 2015).

Outro fator importante no investimento do mercado gospel brasileiro foi a criação da Feira Internacional Cristã, a FIC. O evento foi organizado pela GEO eventos, pertencentes a OG e tinha como objetivo reunir as principais empresas do ramo gospel brasileiro. O evento da OG abalou outra principal feira do segmento cristão, a ExpoCristã, que desde 2001, vinha com uma proposta semelhante a FIC. Praticamente todos os expositores da ExpoCristã migraram para a FIC, invalidando a feira de prosseguir com suas atividades.

Em 2013, a Globo começa a cumprir uma demanda levantada pelas lideranças evangélicas em suas visitas ao Projac. A nova novela das 21h intitulada “Amor a Vida” trouxe pela primeira vez um núcleo evangélico e uma “mocinha” da mesma religião na trama. “Gina”, personagem de Carolina Kasting, passa por uma grande desilusão amorosa e vai a nova igreja do seu bairro, convidada por uma amiga que lhe havia entregado uma Bíblia dias atrás.

O núcleo evangélico era representado por pentecostais, geralmente em seus momento de culto, mostrando cânticos bastante tradicionais da maioria das igrejas evangélicas. O pastor retratado na trama mostrava-se com uma aparência serena, amoroso e com palavras de ternura e carinho, bastante diferente do pastor interpretado por Edson Celulari na minissérie “Decadência” em 1995, na qual tive acesso e assisti a toda à trama na íntegra. O tema dinheiro sequer foi citado em “Amor a Vida”. O discurso se baseava na mudança de vida que a religião pode trazer para o indivíduo.

Em entrevista ao Jornal “Extra” do Rio de Janeiro, Walcyr Carrasco, autor da trama, deixa claro que não quer uma abordagem humorística ou desrespeitosa para com os evangélicos. Em entrevista ao jornal o autor afirma: “Eu não quero cacões, nada que leve para o humor. Os evangélicos são muito sensíveis, talvez por terem sido objeto de crítica outras vezes. Quero, sim, um tratamento respeitoso — confirma o autor” (EXTRA, 2013, s/p).

O ator Sidney Sampaio, que interpretou o personagem Elias, que fez par romântico com Gina na trama, conta na mesma entrevista, como foi fazer o “laboratório” para compor o personagem: “Assim que soube que iria entrar, busquei contato com os evangélicos. Apesar de não ser, fui aos cultos aberto à fé. Percebi o quanto a crença muda as pessoas, vi gente que saiu da depressão, venceu situações complicadas — confirma Sidney”

Apesar de todos os esforços das OG em promover eventos de aproximação com o público evangélico, alguns projetos não obtiveram o sucesso esperado. A FIC recebeu um número inferior ao esperado pelos organizadores, e não passou da primeira edição. A edição

do Troféu Promessas no ano de 2013 foi cancelada devido a falência da produtora Geo eventos, que optou por somente fazer o Festival Promessas desse mesmo ano. (LOPES, 2013 apud CUNHA, 2015).

A Som Livre também enfrentou conflitos com o seu *casting* de artistas gospel. O grupo Diante do Trono travou uma batalha judicial para romper seu contrato com a gravadora. A Som Livre reteve o último trabalho do grupo, denominado “Tu reinas”, pois o Diante do Trono queria lançá-lo em outra gravadora. André Valadão, cantor gospel solo também enviou um e-mail a alta cúpula da Som Livre reclamando das vendas do seu último trabalho. “Nunca em toda minha carreira vendi tão pouco” (CUNHA, 2015, p.69).

Cunha (2015) faz uma análise conclusiva buscando as chaves teórico-interpretativas para esses dois momentos de representação do público evangélico pela OG. A autora faz duas colocações sobre os motivos dessa busca pela aproximação com os evangélicos. A primeira seria a concorrência de mercado e a segunda a disputa pela hegemonia do mercado religioso.

Na primeira motivação, fica nítido o fato de as OG se sentirem ameaçadas pelo avanço do império "iurdiano" e de outros grupos evangélicos no mercado das mídias. A conquista da exclusividade pela Rede Record na transmissão das Olimpíadas de Londres, em 2012, por exemplo, foi um grande golpe para as OG neste processo (CUNHA, 2015, p.69).

Apesar da busca por essa aproximação, as OG não abandonaram sua raiz católica influenciada pela família proprietária da organização. No começo nos anos 2000, a Rede Globo dava amplo espaço a padres e autoridades católicas altamente midiáticas. As coberturas de grandes eventos católicos como a visita do papa Bento XVI e a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) também foram altamente divulgadas. Melo e Freitas JR (2013, 2014 apud CUNHA, 2014, p.12) disse que “As visitas papais foram cobertas com especial atenção e tempo e ênfase positiva, como extensões da assessoria de imprensa do Vaticano”. Podemos ver isso na figura da repórter Ilze Scamparini, que se dedica mais a cobertura dos acontecimentos do Vaticano do que os eventos europeus de modo geral. A repórter passa a ser mais uma repórter vaticanista do que uma correspondente internacional em si.

Esse não abandono da fé católica por parte das OG está altamente ligada a confissão de fé da família Marinho, que defende a concepção de que a Igreja Católica é única igreja verdadeira, conforme a visão dos católicos tradicionalistas. Porém, por questões mercadológicas, a Globo se viu obrigada a começar a se aproximar desse segmento religioso em ascensão, e firmar sua posição hegemônica na mídia, abalado pela IURD e pelas demais igrejas midiáticas.

Além das questões mercadológicas, Cunha apresenta a perspectiva cultural como parte fundamental desse relacionamento OG-evangélicos. A autora diz:

(...) a entrada das OG nos negócios cristãos é um destaque mas não pode ser vista apenas um fenômeno mercadológico: é também cultural. Este fato não apenas amplia o mercado da religião, já bastante expressivo e consolidado, mas também fortalece a religião de mercado e amplifica o poder do discurso da empresa no campo religioso e político (CUNHA, 2015, p.71).

Com todo investimento na aproximação e no relacionamento, a Globo encontrou a maneira de retratá-los sem negar sua ideologia e sua fé, encontrando pontos comuns entre eles. Assim, a OG firmou parceria com lideranças evangélicas e midiáticas que estavam em consonância com a sua ideologia de mercado e políticas (CUNHA, 2015).

Podemos observar que as OG buscam construir um relacionamento com os evangélicos, porém traz para si aqueles que se encaixam em sua visão ideológica e política, não alterando sua base antes construída, buscando assim a audiência e a consolidação de mercado.

O caso da telenovela "Amor à Vida" ilustra essa dinâmica dinâmica. Ao mesmo tempo em que a trama intensificou a representação da realidade dos direitos homossexuais (expressar afeto publicamente e criar filhos), tentou também representar positivamente o segmento religioso evangélico (CUNHA, 2014, p.13).

Porém essa segmentação feita pela OG dificulta o pleno relacionamento com esse público dinâmico e diferente entre si. A presença nas mídias alternativas das lideranças midiáticas evangélicas influentes e que não se encaixam nas perspectivas política/ideológica das OG, podem representar uma ameaça na estratégia de mercado e na aproximação OG aos evangélicos. Porém esse jogo de interesses ainda está em pleno desenvolvimento, e o assunto pode se desenvolver de múltiplas formas com o passar do tempo.

3- NARRATIVAS FICCIONAIS TELEVISIVAS E ANÁLISE DO DISCURSO EM TELENÓVELAS

No Brasil, a Tv já não mais serve como mero instrumento de entretenimento e passatempo para as horas vagas. A mídia ocupou um espaço significativo dentro da cultura da sociedade, tomando inclusive o lugar da escola, teatros, igrejas, livros etc, e se tornou o principal meio de informação e conhecimento dos indivíduos.

Instituições sociais fundamentais – como a saúde e a educação - sofrem com o descaso e abandono do poder público. As pessoas acabam não encontrando nessas instituições o aporte necessário para o viver diário. A mídia, principalmente a televisão, acabou preenchendo essa lacuna. Hoje, os veículos prestam serviços como educação, prestação de serviço e cobrança junto ao poder público. Nisso, a população fica cada vez mais dependente da mídia, que encontra nela seu principal representante.

Porto, citando o pesquisador Jesus Martin-Barbero, já mencionado nesse trabalho, diz que para Martin-Barbeiro “a significação social das mídias está mudando. Junto com a sua capacidade de representar o social e construir a atualidade, persiste sua função socializadora e de formação das culturas políticas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.73 apud PORTO, 2012, p.77).

Dentre os inúmeros papéis que a mídia tem exercido na vida dos cidadãos, quero destacar o papel da educação. Os programas televisivos tem educado a população a refletir sobre uma diversidade de assuntos que as demais instituições sócias têm negligenciado. Existe quase que uma linguagem didática nos meios de comunicação, o que atrai e facilita a assimilação de assuntos complexos que envolvem comportamento, opinião e diversas outras peculiaridades.

Baccega (2000) diz que o meio televisivo está em vantagem se comparado às demais instituições de educação da sociedade (família e escola). “(...) sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou a convivência do país” (BACCEGA, 2000, p.95 apud PORTO, 2012, p.95).

A mídia televisiva conseguiu penetrar grupos sociais antes excluídos de grande parte dos meios de comunicação. Com sua linguagem e facilidade de entendimento, a TV formou um público abrangente e multiforme, conseguindo manter uma comunicação direta com praticamente todos os setores da sociedade.

Uma das grandes ferramentas das emissoras para atrair essa grande variedade de públicos foram às telenovelas, que se estabilizaram como mediadoras de assuntos contemporâneos, colocando em pauta na sociedade, assuntos que devem ser debatidos e conhecidos dentro da cultura de um povo. Dentro das telenovelas, muitas vezes, é difícil discernir o que é real ou ficcional. As telenovelas são construídas dentro de um contexto social, e dentro desse contexto, constrói a mentalidade e o modo de ser de um povo.

A telenovela é o gênero ficcional que atingiu o gosto da grande maioria dos telespectadores brasileiros. As tramas ditam moda, comportamento e inclusive influenciam no cotidiano das pessoas, regendo suas atividades para antes ou depois de uma novela.

O termo telenovela é usado para definir as “narrativas ficcionais televisivas no Brasil, independente de seu formato ser telenovela *stricto sensu*, minissérie, caso especial, ou outro” (LOPES, 2003, p.17) e que começaram sobre os mesmos formatos das conhecidas radionovelas que faziam sucesso no período pré-televisivo.

A telenovela iniciou no Brasil quase que concomitantemente ao surgimento da Tv no país, em 1950. Em 1951, foi ao ar a primeira novela do Brasil denominada *Sua vida me pertence*, vinculada na extinta Tv Tupi de São Paulo. *Sua vida me pertence* as demais novelas da época, eram diferentes das que conhecemos hoje. Elas não costumavam ser diárias, eram exibidas geralmente duas vezes na semana. Isso só mudou com a vinda do *videotape*, onde os capítulos podiam ser gravados (PORTO, 2012).

As telenovelas possuíam alto teor melodramático e influencia de produções latinas e da literatura. O melodrama se caracteriza pelo exagero na atuação, com demonstrações sentimentais afloradas e enredos montados para prender a audiência pela curiosidade. Porto, citando Piqueira, diz que o melodrama “ é portador de elementos como o romantismo e o maniqueísmo. (...) se caracteriza por se tratar de um universo codificado, sem riscos, reconhecido e estruturado , marcado por valores rigidamente dicotômicos: o bem e o mal” (PIQUEIRA, 2010, p.126 apud PORTO, 2012, p.71).

A primeira novela a ser exibida diariamente na tv brasileira foi *2-5499 ocupado* pela extinta Tv Excelsior. A primeira grande audiência veio com *O direito de nascer*, em 1964. Em 1968, a Tv Tupi colocou no ar a novela *Beto Rockfeller* inaugurando um novo gênero de telenovela, diferente do que até então era conhecido. *Beto Rockfeller* se distanciou do gênero melodramático e se aproximou mais da realidade local. As novelas até então não tinham a preocupação de retratar a realidade cotidiana, sendo carregas de ficção que não se pareciam com o dia a dia do telespectador. *Beto Rockfeller* trouxe para a Tv a cultura brasileira, seus modos de falar e sua maneira de ser, aproximando à audiência da história contada.

Esse novo gênero de telenovela se consolidou no Brasil com a Tv Globo, que investiu fortemente em telenovelas em sua programação, se tornando a líder máxima nesse segmento de mercado. A Tv Globo criou um departamento específico de teledramaturgia, investiu em cenários e equipamentos para superproduções, e consolidou o gênero inaugurado por *Beto Rockfeller* de novelas que retratassem o cotidiano do telespectador.

Em meio ao caos da Ditadura militar, surge a Rede Globo de Comunicação que foi inaugurada em 1965 e que se tornaria a responsável pelas grandes mudanças da Televisão brasileira e da telenovela, seu produto mais vendido. A Globo buscava desbancar as emissoras da época e se expandir no campo da teledramaturgia. Para isso, investiu nas contratações de grandes autores, como a cubana Glória Magadan, para criar novelas com tramas latinas e ambiciosas que se passassem em vários lugares do mundo com histórias de nobres ou poderosos, para que pudessem conquistar o público. Assim, a primeira novela criada foi —O sheik de Agadirl. Na mesma época Janete Clair é contratada e —Véu de noiva!, uma radionovela, foi reescrita pela autora e vira um sucesso na TV (SILVA, 2014, pg 54).

As telenovelas se tornaram o principal produto da chamada “Indústria Cultural”, termo inaugurado por Theodor Adorno, expoente da Escola de Frankfurt. Adorno denominava indústria cultural aquelas organizações que transformavam a cultura em forma de produtos, para obter ganhos financeiros (ADORNO, 2002 apud PORTO, 2012).

A Escola de Frankfurt criticava com veemência a expansão dos produtos e da indústria cultural. Adorno dizia que o entretenimento da indústria cultural era “alienante” e que a arte era desvalorizada quando colocada em forma de produto, ou seja, o sentido de uma poesia, obra de arte, música, teatro etc, eram perdidos e desvalorizados quando usados pela indústria cultural para entreter as massas.

(...) a indústria cultural acaba transformando a diversão e o entretenimento em ausência de esforço e reflexão do consumidor. Dessa maneira, o prazer proporcionado pela indústria cultural seria um “falso-prazer” que reforça as normas sociais e promove o conformismo social (PORTO, 2012, p.45).

Porém muitos teóricos se opuseram a visão de Adorno e da Escola de Frankfurt. Jesus Martín-Barbero, diz que a posição de Adorno soava como um “Aristocratismo Cultural” e que tal visão não contemplava as inúmeras interpretações que a arte pode ter dentro de uma sociedade plural (MARTÍN-BARBERO, 1997 apud PORTO, 2012).

Mas a indústria cultural é uma realidade, e as telenovelas são uma prova disso. As telenovelas passaram a ser o produto mais rentável para as redes de televisão. A lógica industrial da padronização também pode ser visto em seus produtos, sendo cada obra ficcional muito parecida com a outra, somente com algumas mudanças de detalhes e poucas inovações.

Outra forte característica das telenovelas é sua flexibilidade diante das demandas dos públicos. As novelas são “obras abertas” podendo ter suas histórias originais adaptadas

conforme a demanda da audiência. Isso reforça a telenovela como sendo uma “Obra Popular”, maleável a vontade do público (SILVA, 2012).

3.1 A Religião retratada na telenovela

A Rede Globo tem essa característica bastante evidenciada em suas telenovelas. A organização realiza inúmeras pesquisas de públicos sobre a aceitação dos personagens, do roteiro e frequentemente a obra é adaptada, baseada nessas pesquisas.

Um exemplo é a personagem evangélica da obra de nossa análise “Amor a Vida”. Sabia-se que a trama contaria com uma personagem evangélica, porém a escolha da personagem foi variando conforme a trama era exibida. A priori, a personagem que iria se tornar evangélica seria “Valdirene” interpretada pela atriz Talita Werneck, porém, pela personagem ser no núcleo humorístico, a conversão poderia ser mal recebida ou mal interpretada pelo público, por isso, o autor decidiu colocar a personagem Gina interpretada por Carolina Kasting, que desde o começo da trama se mostrou serena, pura e responsável.

As novelas não só trazem informação, como também a levam para setores carentes de conhecimento de mundo. Através das novelas, as camadas populares podem ter acesso a diferentes culturas, costumes e hábitos diferentes do seu contexto, trazendo informação e educação que por outros meios, dificilmente eles teriam.

Cezar Henrique de Queiroz Porto, em sua tese sobre a representação do Islã na novela O Clone, destaca a importância que a novela teve ao abordar os costumes e tradições de um povo distante, estigmatizado pelo terrorismo e que sofria constantes ataques de preconceito.

Para o autor, “essa novela brasileira, possibilitou disseminação de informações e introduziu conhecimento do islã, principalmente, em um meio popular desprovido de capital cultural” (PORTO, 2012, p.84). As camadas populares puderam ter acesso a um conhecimento que de outra maneira, que talvez, não teriam como conhecer.

Porto (2012, p.84) continua dizendo que “(...) as novelas contribuíram e contribuem na difusão de informação e conhecimento para grupos antes excluídos pela pobreza e analfabetismo. Acessíveis no âmbito doméstico, as tramas novelescas dirigem-se a todo o tipo de público da mesma maneira, sem restrições”.

As novelas se tronaram as principais representantes do povo brasileiro. O cidadão se vê e se identifica com os personagens das tramas, imita seus trejeitos e modos de falar. A novela não só é feita no contexto, como também se insere dentro do contexto social. Elas passaram a ser uma narrativa da própria sociedade.

Maria Immacolata Vassalo Lopes (2003, p. 18-19) diz que a TV e a novela – seu produto mais rentável – foram construídas sob a “égide da vida privada, uma vez que a narrativa televisiva já foi definida como uma narrativa por excelência sobre a família”. As novelas conseguem vagar entre a vida pública e privada, tornando aquilo que é privado em uma discussão pública, e aquilo que é público trazer para dentro do privado, para as discussões familiares.

Podemos ver com o decorrer da história, que a narrativa das telenovelas foi se transformando à medida que a sociedade brasileira passava por diversas modificações. As novelas acompanharam momentos importantes como o Regime Militar, a modernização, a crise política dos anos 90, o êxodo rural e muitos outros conflitos, conquistas e momentos que foram retratados em diversas narrativas, em formato de ficção, porém sem nunca abandonar o contexto no qual estavam sendo feitos.

Essa crescente narrativa nacional presente na televisão brasileira é também resultado da expansão da indústria cultural brasileira. As redes e emissoras de comunicação começaram a crescer consideravelmente a partir dos anos 70, e com isso, as produções “enlatadas” - termo que designa produções estrangeiras - foram dando espaço para as produções nacionais. Na década de 80, grande parte do conteúdo das emissoras já era nacional, totalizando quase que 80% de toda a programação. (LOPES, 2003).

As intensas mudanças ocorridas nos anos 70, com o êxodo rural, industrialização e expansão do consumo, foi fortemente acompanhada pela mídia e principalmente retratada nas telenovelas, que mostravam, através da ficção, os desafios e angústias dessa nova sociedade que se formará.

Lopes (2003, p. 20) traz dois exemplos de novelas que retrataram o período político conturbado no início dos anos 90, com o presidente Fernando Collor.

Tornaram-se dois exemplos históricos a associação da novela Vale tudo (1988)^{1º} à eleição de Fernando Collor de Melo, que calçou a sua imagem eleitoral como "o caçador de marajás", isto é, de banimento da corrupção econômica e política do país, bem como a influência da minissérie Anos rebeldes (1992) no processo de impeachment desse mesmo presidente, três anos depois.

Logo após a queda do governo militar e a redemocratização do Brasil, as emissoras mudaram suas formas de linguagem e abordagem, visto que, as concessões dos governos e partidos haviam acabado. Agora a lógica de mercado e da concorrência permeavam as emissoras de televisão. A criação do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

(IBOPE) como instrumento medidor de audiência foi fundamental para as emissoras criarem produtos mais comerciais, que atraíssem audiência e ao mesmo tempo patrocínio.

Apesar da aproximação da narrativa ficcional ao seu contexto social, podemos notar que elas não abandonam os tradicionais cenários melodramáticos. Todos os conflitos e temas acontecem dentro de um âmbito familiar, com a vivência de um romance, casamento, intrigas e separações. Apesar das novelas brasileiras terem incorporado temas mais próximos da sua realidade, os enredos de ficção ainda seguem em suas raízes melodramáticas.

Incorporar temas públicos a vida privada propicia uma maior explanação dos assuntos abordados. A novela consegue trazer temas polêmicos que estão de certa forma longe da realidade do público, para dentro do âmbito privado, com isso, consegue mostrar ao telespectador como uma determinada pauta social pode intervir do cotidiano privado das relações. *Immacolata* traz novos exemplos de temas sociais e novelas na qual eles foram retratados.

(...) são exemplares os casos da novela *Barriga de aluguel* (1990) que conta a história de uma inseminação artificial; de transplante de coração em *De corpo e alma* (1992); a destruição do meio ambiente em *Mulheres de areia* (1993); a chegada da internet em *Explode coração* (1995); a violência urbana em *A próxima vítima* (1995) e *Torre de Babel* (1998) e *O clone* (2001) (LOPES, 2003, p.28).

As novelas conseguiram com o passar dos anos alcançar uma alta credibilidade com o telespectador, e com isso, temas polêmicos, que muitas outras instituições sociais têm dificuldade de retratar, as novelas conseguem não só abordar, porém mostrar ao telespectador como isso pode afetar sua vida diária, construindo portando a cultura de uma sociedade (LOPES, 2003).

3.1.1. A religião nas telenovelas da Rede Globo

Outro tema bastante recorrente, e que é o motivo desse trabalho, é a abordagem de inúmeras religiões. Muitas novelas colocam em seus enredos, temáticos ligados a algum tipo de religião. Os temas religiosos provocam muitos debates e já causaram diversas polêmicas sociais.

As temáticas espíritas, por exemplo, já foram grandemente exploradas pelas novelas, como em *Roque Santeiro* (1985), *A Viagem* (1994), *Alma Gêmea* (2005/2006), *Eterna Magia* (2007) etc. O fascínio do sobrenatural, do que é obscuro a mente humana, alimenta o imaginário popular. Paiva (2010 apud JUNIOR, NETO, et al, 2014) diz que a retratação das crenças sobrenaturais ajudam a compor o “*ethos* místico-religioso” da cultura brasileira. A

personagem Gina, objeto de nossa análise, porém se contrapõe a essa representação sobrenatural da religião, focando sua representação no *ethos* privado da personagem, sem apego ao lado místico da fé.

Personagens religiosos costumam sofrer retaliações por parte dos seguidores da religião que é retratada. Muitas acusamos personagens religiosos de criarem certo estigma da religião que ele – o personagem – retrata. Podemos citar como exemplo a novela *Duas Caras* (2007/2008) com personagem evangélica Edilvânia (Suzana Ribeiro) que retratou a personagem como uma fanática religiosa. A personagem gerou duras críticas da população evangélica, que se viu retrata de forma pejorativa na trama. O mesmo aconteceu com o personagem Mariel (Edson Celulari), na minissérie *Decadência* (1995).

Retratações pejorativas também acontecem com outras religiões, como as de matriz africana, mulçumana, hinduísta e muitas outras. A religião católica, que contem a maioria de seguidores no país, também já foi retratada em várias tramas, porém, os personagens católicos não costumam gerar debates e polêmicas afloradas como as de outras religiões costumam ser.

Apesar de muitas interpretações serem estereotipadas, as novelas também ajudam a propagar o conhecimento das religiões até então pouco conhecidas, fazendo seu papel de educadora ou mediadora, como já dito nesse trabalho. Ao tentar mostrar rituais, cerimônias e crenças diferentes do catolicismo hegemônico, as novelas ajudam a população a conhecer diferentes práticas religiosas, e assim, propagar a tolerância e o respeito.

3.2 Análise do Discurso em Telenovela

Para que possamos entender como a personagem Gina, de *Amor a Vida*, foi composta, optamos para esse trabalho usar a metodologia de Análise de Discurso, com o objetivo de analisar como se deu a construção discursiva da personagem Gina na representação de uma seguidora da fé evangélica.

A Análise de Discurso (AD) busca compreender o sentido de um texto, indo além das análises gramaticais ou da língua em si, aprofundando-se em diversos fatores que fazem com que um determinado texto tenha um significado e não outro.

Entendemos o discurso como a linguagem em movimento, ou seja, aquilo que possa ser alterado com o decorrer da história. Eni Orlandi (2013, p.15), traz uma definição de discurso, sendo: “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Portanto, a AD procura compreender o sentido que certo discurso tem, buscando entender o porquê que certo discurso produz determinado sentido e não outro, porque em uma determinada época um discurso exercia certo sentido e em outro tempo exerce outro. A AD destrincha o discurso para compreender os seus sentidos.

Devemos entender que as palavras em si já são carregadas de sentido, que foram determinadas antes da nossa existência, e quando somos inseridos no mundo, esses significados nos são passados de maneira imposta, para ser reproduzida e, conseqüentemente, passada a posteridade.

Orlandi (2013) diz que a Análise do Discurso está sustentada por três pilares, sendo eles a Psicanálise, Linguística e o Marxismo. Ela interroga a linguística pela sua historicidade, questiona o materialismo pelo simbólico e estuda a psicanálise como materialmente relacionada ao inconsciente, trabalhando a ideologia sem ser absorvido por ela.

Aqui entendemos a linguagem como uma mediadora entre o indivíduo e seu contexto social. O ser humano necessita da linguagem para interagir com o meio no qual está inserido, e com isso, trazer sentido ao que está em sua volta. Sem a linguagem, o ser humano ficaria isolado no mundo, e não saberia o sentido daquilo que o cerca.

Quando trazemos a AD para a telenovela, buscamos compreender a composição do(s) efeito(s) de sentido(s) que a telenovela quis passar ao telespectador em um determinado momento, e com isso, compreender o que o autor ou a organização na qual a novela faz parte, quis passar a sua audiência. Silva fala da Análise do Discurso dentro da telenovela.

No caso da telenovela quando o autor escreve a fala de seus personagens e/ou seus comportamentos ele está produzindo efeitos de sentidos que cada um telespectador identificará de forma diferente. A realidade ficcional da novela passa a ser produzida de acordo com um contexto social real, onde são absolvidos elementos das mais diferentes discussões (SILVA, 2014, p.67).

Portanto, quando analisamos certo texto pela análise do discurso, buscamos compreender o sentido que seu autor quis passar para aqueles que o leem, e como esse sentido foi recebido. Também podemos observar questões históricas e ideológicas que estão inseridas dentro do discurso colaborando para a formação do sentido.

Para realizarmos nossa análise, iremos comparar cenas pontuais da personagem Gina, em Amor a Vida, fazendo uma análise das interações da personagem com o contexto e com os demais personagens, e assim, compreender como a experiência da conversão e a vivência da fé evangélica pela personagem foi construída pela trama em Gina. Também fará parte do nossa análise as referências do que foi desenvolvido nos capítulos 1 e 2 desse trabalho, ligando as mesmas a representação da personagem analisada.

Segundo Orlandi (2013) o contexto onde o objeto em análise está contido pode ser visto de duas maneiras nas condições de produção. Existe um contexto imediato e um contexto amplo. O contexto imediato é aquilo que está a volta do objeto, formando o enunciado junto a ele. Já o contexto amplo vai para mais além do objeto em si, se volta para questões sócio-histórico e ideológico. É aquilo que não está explícito no objeto, porém forma seu significado (ORLANDI, 2013).

Outro elemento fundamental para AD é a memória. A memória é chamada no AD de interdiscurso, e compreende toda nossa carga de conhecimento que adquirimos no decorrer da nossa existência, e que será fundamental para a interpretação do determinado objeto. “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.” (ORLANDI, 2013, p.32).

Outro fator fundamental em nossa análise é a “Relação de Sentidos” que o discurso exerce em outro discurso, que é fundamental para construir o sentido próprio do discurso analisado. Não pode existir discurso se esse não se relacionar com algum outro(s) discurso, pois essa é uma condição fundamental para produzir sentido. São as relações entre o discurso que promovem o sentido dele.

Orlandi também traz os fatores ideológicos do discurso como fundamentais para a formação do seu sentido. Esse sentido vai variar a medida as palavras são colocadas que tem um peso sócio histórico em sua produção. As palavras imprimem no discurso o sentido que trazem da ideologia, contribuindo para a formação de sentido do sujeito.

Nesse ponto, Orlandi chega a um conceito fundamental para a análise do discurso, a metáfora. A metáfora dentro da análise de discurso refere-se “a tomada de uma palavra por outra. Na análise do discurso, ela significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam” (ORLANDI, p.44). Portanto, as mesmas palavras podem conter diferentes significados, pois podem ser inscritas em diferentes formações discursivas.

Existem, portanto dois tipos de discurso, que Orlandi (2013) chama de “real” e “imaginário”. O real no discurso se reflete na dispersão, no erro, no equivoco, na falta tanto nos sujeitos quanto nos sentidos. Por outro viés, temos o perfeito, o claro, o coerente dentro do imaginário. É no jogo entre o real e o imaginário que o discurso funciona.

A mídia televisiva, através das telenovelas, são grandes reprodutoras do imaginário, e com ele, conseguem se relacionar com o real, vivido por seu telespectador. Através do imaginário, a mídia pode acessar o real que irá interpretar a mensagem filtrada pelo momento histórico e ideológico por ele vivido (SILVA, 2014).

No capítulo seguinte, começamos a análise da personagem Gina em Amor a Vida. Foram selecionadas 5 cenas onde a personagem vivencia sua experiência religiosa e interage com os demais personagens do núcleo evangélico da trama. Serão analisadas falas, composição das cenas e imagem que contribuem para o entendimento da representação da fé evangélica e as mudanças no *ethos* privado vivido pela personagem em decorrência da sua nova religião.

4. O *ETHOS* PRIVADO E A CONVERSÃO DA PERSONAGEM GINA

Para analisarmos as nuances da conversão religiosa da personagem e a maneira na qual ela foi retratada, usaremos o conceito de *ethos*, mais especificamente o *ethos privado*.

Ribeiro, Lucero e Gontijo (2008, p. 127), mostram as diferenças de interpretação da palavra *ethos* analisando sua grafia grega original. Segundo suas análises, a palavra *ethos* pode assumir dois significados distintos.

O vocábulo *ethos* é uma transliteração dos dois termos gregos *ethos* (ἔθῆ – com eta inicial) e *ethos* (ἔθῆ – com épsilon inicial). Essas duas grafias de *ethos* existentes no grego dão origem a duas acepções distintas dessa palavra. O *ethos* grafado com eta (ἔ) inicial designa a morada do homem e do animal (ζῷον) em geral. Este sentido de um lugar de estada permanente e habitual, de um abrigo protetor (morada), é a raiz semântica que origina a significação do *ethos* como costume, estilo de vida e ação. Por sua vez, o *ethos* com épsilon (ἔ) inicial refere-se ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos, um comportamento que ocorre freqüentemente, mas não sempre, tampouco em decorrência de uma necessidade natural. O *ethos* expressa, nesse caso, uma constância no agir contraposta ao impulso do desejo, denotando uma orientação habitual para agir de certa maneira.

Dominique Maingueneau traz grande contribuição para o estudo do *ethos* dentro do discurso. Ele começa sua fala sobre o *ethos* mencionando as ideias de Aristóteles sobre a retórica.

Aristóteles entendia o *ethos* como aquilo que causava boa impressão na enunciação do discurso. Era a aparência, o caráter, a imagem daquele que proferia o discurso e teria por objetivo convencer seu público (MAINGUENEAU, 2008).

Esse *ethos* não está ligado exatamente ao caráter real do locutor. Ele é somente a imagem que esse locutor passa para que seu discurso seja aceito pelo público. O *ethos* trabalha no discurso juntamente com o *pathos* – paixões – e *logos* – condutas – para a persuasão desejada no discurso (MAINGUENEAU, 2008).

Maingueneau (2008), porém, coloca que o *ethos* não está somente ligado a enunciação, como dito por Aristóteles, mas também ele é construído pelo público antes da enunciação do discurso. Assim, podemos dizer então que existe um *ethos* discursivo e um *ethos* pré-discursivo.

O *ethos* também está sujeito a interpretação que o público dá ao discurso. O locutor pode querer montar um *ethos* para si no momento da enunciação, porém o público pode interpretar de maneira distinta e atribuir outro *ethos* ao locutor em questão. “Um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que

queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo” (MAINGUENEAU, 2008, p.16).

Em discursos escritos, o *ethos* também está presente, pois também contém uma “vocalidade” produzida pelo leitor. Maingueneau nos traz a figura do fiador, que é a imagem coletiva e estereotipada de um personagem produzido pelo receptor no momento em que ele está tendo contato com um discurso escrito. Esse fiador possui um *ethos* que é compartilhado coletivamente, na qual o público atribui um caráter estereotipado positivo ou negativo (MAINGUENEAU, 2008).

Assim, Maingueneau (2008, p. 18) conclui que:

O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo.

Duarte (2005, p.138), contextualiza a expressão *ethos* em um sentido antropológico, trabalhando-a na dimensão de um *ethos* privado, que pode ser definido como “todos os valores, sentimentos e comportamentos relacionados ao prazer corporal, à satisfação moral, à reprodução sexual e à conjugalidade”, ou seja, tudo aquilo que intrínseco ao indivíduo, suas experiências e sensações mais pessoais. Duarte tem como objetivo analisar a constituição do *ethos* privado e sua possível relação com o pertencimento e a adesão à religião dentro da sociedade moderna.

Em contrapartida, o autor também nós fala sobre o *ethos* público compartilhado, que são os costumes e práticas compartilhadas e exercidas por um determinado público. No caso da religião, o *ethos* público compartilhado se manifesta no ato dos testemunhos públicos, no uso de roupas diferenciadas, entre outras práticas (DUARTE, 2005). O autor também caracteriza o *ethos* de contenção corporal, como esse ato de se guardar, permanecer reservado as manifestações corporais e sexuais, característico dos pentecostais.

O autor busca saber se a orientação do *ethos* privado oficial das instituições religiosas é o que determina a adoção de um comportamento específico entre os seus fieis. O autor pergunta se isso ao invés de agregar, faz com que o indivíduo crie para si uma fé subjetiva, interiorizando um comportamento afetado pelo religioso, ou se afaste, buscando viver longe de qualquer instituição religiosa formal (DUARTE, 2008).

A partir dessa conceituação, iniciaremos nossa análise a respeito da personagem Gina da novela Amor à Vida e das práticas religiosas da Igreja ficcional – A Verdade Reina.

Para realizarmos a análise, usaremos cinco cenas onde as etapas da conversão da personagem Gina e as práticas da Igreja ficcional são melhores identificadas. Na primeira cena, podemos acompanhar o primeiro contato de Gina com a religião evangélica e a igreja ficcional; nas três cenas seguintes, podemos acompanhar como a personagem começa a se identificar e assimilar a nova fé, e também como seu relacionamento com o personagem Elias ajudou nesse processo; e na última cena de análise, veremos como a igreja ficcional “A Verdade Reina” se ligou com as características das igrejas pentecostais e neopentecostais, e como a cerimônia da Santa Ceia, importante rito da Igreja Evangélica, foi retratado na cena.

4.1 A história de Gina

Na novela de Walcyr Carrasco, a personagem Regina Maria do Santos Batista, conhecida na trama como Gina (Carolina Kasting), é a mais velha de 3 irmãos – Bruno (Malvino Salvador), Carlito (Anderson Di Rizzi) e Luciano (Lucas Romano). Primeira filha de Ordália (Eliane Giardini), Gina foi criada por Denizard (Fulvio Stefanini) como se fosse sua filha.

Ordália viveu um romance no passado com o médico Hebert (José Wilker), que a fez sofrer e a viver uma vida desregrada até conhecer Denizard. Em uma dessas aventuras amorosas nasceu Gina.

Gina é uma moça pacata, tímida e meiga. Ajuda os pais no bar da família que fica em um bairro no subúrbio de São Paulo. Ela não tem amigos, não costuma sair à noite e também ajuda a mãe no cuidado da casa, dos irmãos e dos sobrinhos.

A personagem não tem uma participação considerável no começo da novela, sendo mostrada somente como uma personagem coadjuvante. Porém, na segunda fase da trama, a personagem começa a viver um romance com o médico Hebert, o mesmo que outrora havia se envolvido com Ordália.

Gina nunca havia experimentado uma relação amorosa antes, por isso se entrega sentimentalmente a Hebert. Apesar disso, Gina possui muitos freios morais que a impedem de assumir comportamentos considerados comuns dentro de um relacionamento amoroso contemporâneo, apesar das tentativas de Hebert.

Hebert também acaba se apaixonando por Gina, e decide esperar e respeita o tempo dela. Hebert decide pedir Gina em casamento, em um restaurante. Hebert, apesar de mais velho, admite estar nervoso, pois nunca havia passado por essa situação. Gina fica em êxtase

com o pedido de Hebert, e pede a ele para ir a sua casa oficializar o pedido com um jantar em família.

Até o momento, a família não sabia que se tratava de Hebert, pois Gina, por superstição, não revelou a identidade do seu namorado. Hebert chega casa de Gina, onde é recepcionado pelo seu pai de criação, Denizard. A família havia acabado de voltar da formatura do filho caçula Luciano. Denizard, Carlito e Bruno começam a conversar com Hebert que se sente deslocado de ambiente. Gina, Ordália e Paloma (Paola Oliveira) estão no quarto, ajudando Gina a se arrumar para o noivo. Ordália é a primeira a sair do quarto para recepcionar o noivo de Gina.

Ordália então vê que se trata de Hebert e sua expressão muda completamente. A cena é editada em *slowmotion*, com característica dramática carregada. Logo, Paloma e Gina saem do quarto. Gina olha para mãe e vê sua expressão de espanto. Gina pergunta o que estava acontecendo e Ordália conta que Hebert era seu grande amor do passado, e que ele era o homem que a fez sofrer. Denizard então deduz que ele é o pai da Gina. Gina fica em estado de choque e desmaia.

Passado o susto, Gina está em seu quarto, completamente arrasada com a situação. Ordália então conta que Hebert não é seu pai, que ela foi gerada quando ela, perdida em suas emoções, começou a sair com vários homens. Gina fica deprimida dentro do quarto, quando encontra uma Bíblia que havia ganhado alguns dias antes. Nesta Bíblia, Gina encontra palavras de conforto.

Gina começa a frequentar cultos evangélicos em busca de conforto para o seu drama, e lá começa a refazer sua vida.

4.2. A busca pelo conforto e o primeiro encontro com a religião

Nos dias atuais, podemos presenciar inúmeras formas de fé nascendo quase que diariamente dentro da sociedade. Inúmeras igrejas e novas interpretações de dogmas e conceitos surgem a cada dia. Isso muito se deve a liberdade religiosa, experimentada principalmente dentro do Brasil. A consolidação do estado laico e do respeito à diversidade religiosa, fez com que a crença e a adesão a uma religião se pluraliza-se de uma forma quase que incontrolável.

Com isso, podemos notar com mais facilidade o fenômeno da conversão, que se caracteriza como a adoção de uma fé distinta ao que ele tinha antes. Isso também se deve ao fato do crescimento de inúmeras igrejas evangélicas pentecostais, onde os seus frequentadores

são levados a se converterem para se tornarem membros dessas instituições (DUARTE, 2005).

Para falarmos sobre os motivos que levam uma pessoa a aderir uma nova fé, mais precisamente a fé evangélica, vamos usar a cena da conversão da personagem Gina, exibida do dia 02 de Novembro de 2013 (sábado), analisando a experiência de conversão da personagem.

Logo após ter passado uma grande decepção amorosa com seu namorado Hebert, Gina fica vários dias depressiva, desolada e triste. Certo dia, Gina resolve caminhar para espairecer e vai até a praça do seu bairro que fica perto de sua casa.

A primeira parte da cena é feita ao ar livre, o dia está nublado, cinza. Gina está com uma blusa azul escuro, calça preta e sapatilha escura. Ela está sem maquiagem e com os cabelos desarrumados, porém presos. Gina chega à praça limpando o rosto de suas lágrimas, senta no banco da praça e com as mãos na cabeça começa a chorar. Maristela (Vera Mancini) está a caminho do culto na nova igreja do bairro e avista Gina sentada no banco. Maristela já havia encontrado Gina trabalhando no bar de seu pai e presenteado a ela com uma Bíblia. Maristela está com uma blusa branca e saia preta na altura dos joelhos, cabelos soltos com tiara e sapato de salto preto.



Ilustração 1 - Maristela se encontra na praça com Gina

Maristela se aproxima de Gina e começa a conversar com ela:

Maristela - Oi!

(Gina levanta a cabeça, um pouco consternada e responde)

Gina - Oi! Desculpa, eu te conheço?

Maristela - Te conheci no bar do teu pai, acho que te dei uma Bíblia.

Gina sorri para Maristela e responde:

Gina - Ah! Claro! Agora eu tô me lembrando. Nossa, eu tenho que te agradecer muito, você não faz ideia de como essa Bíblia foi importante para mim ontem. Eu tava, tava desesperada precisando de um conforto, aí eu abri a Bíblia assim por acaso, sabe? E caiu em uma página que tinha um Salmo: “ O Senhor é meu pastor...”

Maristela - "...nada me faltará"(risos). Eu também faço assim muitas vezes, sabe? Quando preciso, assim, de um conselho, de um pensamento, eu abro a Bíblia e leio onde parou(Ep.144 ,2 nov 2013).

As partes destacadas na fala das personagens Gina e Maristela denotam uma característica da fé pentecostal, comentada por Duarte em seu texto. O crescimento da pluralidade de novas igrejas e confissões de fé, se dá principalmente pela livre interpretação da Bíblia Sagrada dentro da igreja evangélica.

Os membros das igrejas evangélicas são incentivados a lerem a Bíblia de forma livre, podendo interpretar as Escrituras sem a exigência de um sacerdote direto.

Segundo Duarte:

Esse processo está certamente na raiz do crescente apelo público das igrejas evangélicas, ao privilegiarem, por um lado, uma disposição de interpretação imediata da "palavra do Senhor" (...) e por preferirem, por outro, franquear ao discernimento individual a decisão sobre diversos pontos delicados do ethos privado. Embora a interpretação pessoal possa ocorrer no interior de qualquer igreja em que o contexto congregacional não seja estrito, sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos (DUARTE, 2005. p.156).

A prática de abrir a Bíblia e ler a passagem de forma deliberada já era um costume dos primeiros cristãos, que usavam a Bíblia de forma supersticiosa, porém a prática foi condenada pela igreja mais tarde nos concílios da igreja (MATOS, 2015)

A livre interpretação das escrituras foi um dos principais pilares da Reforma Protestante no século XVI. Os reformadores defendiam que todo o cristão deveria ter livre acesso às escrituras sagradas, apesar de conhecer os riscos que isso poderia trazer.

A centralidade na Bíblia formou grande parte do modo de ser da fé protestante, onde tudo passou a girar em torno da palavra. Segundo Matos (2015, s/p)

O amor pela Bíblia encontrou expressão em vários desdobramentos notáveis. A vida das comunidades protestantes passou a girar em torno das Escrituras e da sua mensagem. A própria arquitetura dos templos passou a refletir as novas convicções: a decoração modesta, a ausência de imagens e do altar, o destaque dado ao púlpito e à mesa da comunhão. O foco central do culto passou a ser a pregação expositiva da Bíblia, bem como a celebração dos sacramentos da ceia e do batismo. Os pastores ficaram conhecidos como os "ministros da Palavra".

As igrejas Protestantes se contrapõem assim às Igrejas Medievais, onde as imagens sacras eram ditas como "A Bíblia dos Ignorantes". Os protestantes investiram no ensino para que cada pessoa pudesse ler e interpretar sua própria Bíblia (MATOS,2015) .

Na sequência, Maristela convida Gina para conhecer o novo templo do bairro, a igreja denominada "A verdade Reina"³.

³A Igreja "A Verdade Reina" é uma igreja ficcional, criada pelo autor da novela, sem ligação com nenhuma denominação na vida real.

Maristela – Ai! Eu acho que você está precisando de um conforto. Vem comigo!

Gina – Mas para onde?

Maristela – Eu te disse que a gente ia abrir um templo aqui no bairro, lembra?

(Gina balança a cabeça em sinal positivo)

Maristela – Olha, ele é simples, mas tem cultos, casa de oração. Eu vim do trabalho e to indo pra lá. Vai ter um culto agora, acho que já deve até ter começado.

(Gina e Maristela chegam à frente da igreja denominada “A verdade Reina”).

Maristela – Entra comigo, garanto que você vai gostar.

Gina – Não sei se eu tô vestida direito...

Maristela – Ah! Vai ter vaidade diante de Cristo? Ele mesmo disse: “Porque vocês vão se preocupar com o que vão ter que vestir? Olhai os lírios do campo como eles crescem, eles não fiam e não fazem roupas para si mesmo.”

Gina – Bonito isso que você disse.

Maristela – Cristo quis dizer que a roupa que a gente tá vestindo, não tem importância. Que a beleza está na luz divina. (Ep.144,2 nov 2013)

No trecho destacado a cima, podemos ver novamente uma interpretação livre da personagem Maristela de um texto Bíblico. O trecho usado por Maristela foi dito por Jesus Cristo no Sermão do Monte, e está descrito no Evangelho segundo Mateus.

E quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem Salomão, em toda sua glória, como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no fogo, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? (*BÍBLIA, N.T, Mateus, 6:28-30*).

Observando a interpretação de Maristela e analisando o texto original no Evangelho, observamos que a personagem mudou o sentido do texto. O texto original fala sobre a necessidade da confiança em Deus, e não com a forma de estar vestido, como disse a personagem. Este é mais um exemplo da livre interpretação das escrituras, característico da fé evangélica.

Gina e Maristela entram na igreja. O pastor está pregando e a igreja está relativamente cheia. A igreja é um espaço comercial pequeno, com cadeiras de plásticos e o palco (altar) com o púlpito feito de madeira e com o emblema da denominação. Junto ao pastor estão os músicos vestidos socialmente, assim como o pastor. Gina e Maristela sentam junto com uma amiga de Maristela. O Pastor Efigênio(Gláucio Gomes) prega a passagem bíblica referente à multiplicação dos pães e peixes.

Gina está sentada, olhando o pastor pregar, quando Efigênio olha para ela fixamente e fala:

Pastor Efigênio – Eu vejo que hoje nós temos uma visita em nosso meio. Aquela moça(e aponta para Gina).

(Gina nessa hora estava de cabeça baixa. Ela levanta, olha para o lado e pergunta):

Gina – Eu?

Pastor Efigênio – Sim, levantasse, por favor.

Gina se levanta diante dos olhares de toda a igreja

Pastor Efigênio – Qual é o seu nome?

Gina – Regina

Pastor Efigênio – Seja muito bem vinda a casa do Senhor, Gina

O pastor então desce do altar e vai ao encontro de Gina

*Pastor Efigênio – **Eu não sei que caminho trouxe você aqui hoje, mas eu posso ver dor em seu rosto. Olha, acredite, eu também passei por caminhos espinhosos até chegar aqui, mas eu encontrei a paz de Cristo.***

Gina então sorri emocionada para o pastor.

*Pastor Efigênio – **Vamos todos nos levantar e louvar a Deus, pedir para que ele abençoe a vida da Gina para que ela se torne nossa irmã e receba a luz do Espírito Santo. Amem?***

Igreja – Amem!

(Ep.144 ,2 nov 2013)

Logo a igreja começa a cantar o hino “Firme nas promessas” do hinário evangélico Harpa Cristã (Hino 107)⁴. No momento da música, Gina tem uma catarse, e começa a chorar compulsivamente e é amparada por Maristela.



Ilustração 2 - Gina tem uma catarse

A maneira como o pastor se remete a personagem Gina no momento da cena, representa uma abordagem muito comum em algumas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras. A ação é descrita pelos fieis dessas denominações como um ato de “profecias”, que é o momento quando o preletor deixa de falar a toda a igreja e passa a se referir a uma pessoa somente dentro da cerimônia do culto. Esta ação é encarada como um ato sobrenatural e espiritual pelos frequentadores.

Analisando o trecho grifado acima e visto toda a situação emocional que a personagem estava passando no momento, se constata o que Duarte descreve em seu artigo, a respeito dos motivos que levam algum indivíduo a frequentar, e posteriormente, a se converter a uma nova religião.

A conversão está altamente ligada a alguma “‘crise’ de vida”, vivida pelo indivíduo, “que suscita o estranhamento da adesão rotinizada e demanda um novo horizonte de carisma ou resposta a aflição” (DUARTE, 2005, p. 145).

⁴ A presença desse hinário relaciona a igreja fictícia com o pentecostalismo histórico, cujas igrejas utilizam esse estilo de louvor.

O indivíduo se coloca em “negociação com a realidade”, se abrindo a pluralidade de crenças e ideologias que estão presentes no mercado da fé contemporânea (DUARTE, 2005). Assim, o indivíduo pode encontrar o discurso que mais se encaixa dentro do seu momento atual, podendo, inclusive, manobrar dentro desse discurso.

Visto isto, Duarte fala sobre um “sistema de flutuação” na qual os indivíduos aderem e deixam de aderir uma determinada fé varias vezes quanto possível, descrita como “transito religioso”. Assim, o autor nos traz o conceito de “*ethos* privado não confessional” como esse *ethos* aberto a aderir e deixar de aderir diversas formas de confissão de fé (DUARTE, 2005). Apesar dessa característica dos evangélicos no Brasil, Gina não troca de igreja no decorrer da trama, permanecendo fiel à denominação onde se converteu.

A personagem em análise confirma o que Duarte elenca em seus escritos. Gina foi levada à igreja evangélica devido a um tremendo desgosto emocional vivido por ela naquele momento. A fala do Pastor Efigênio fez com que ela se identificasse com o discurso dito pelo pastor, trazendo a ela uma sensação de solidariedade e conforto para o seu estado emocional.

4.3 A identificação com a fé: O relacionamento amoroso de Gina e Elias

A personagem que iria passar pela experiência da conversão mudou com o decorrer da trama. Gina foi escolhida pelo autor porque ela se encaixaria dentro do perfil desejado, e não causaria estranhamento da audiência. Gina já possuía uma vida recatada antes de conhecer a igreja evangélica.

Fernandez (1998, apud Duarte, 2005), vai mais afundo dentro da discussão sobre conversão. Segundo ele, o indivíduo não se converte necessariamente, mas sim, se encontra dentro do discurso evangélico pentecostal, ou seja, o indivíduo encontra nesse discurso consonância em seus valores e padrões morais já observados outrora por ele.

Com o decorrer da história, Gina começa a perceber uma concordância entre os valores dos membros da igreja, a aqueles já observados por ela antes. Isso faz com que Gina se identifique com os membros daquela comunidade e passe a se juntar a eles definitivamente.

O personagem Elias (Sidney Sampaio) então se interessa por Gina e logo se aproxima dela. Começa a acompanhá-la até em casa na saída dos cultos e a desenvolver uma relação de afeto com a personagem. Na cena exibida no dia 15 de Novembro de 2013, Gina e Elias iriam juntos para a igreja, mas Paloma e Bruno pedem para a ela ficar cuidando de Paulinha. Gina se prontifica imediatamente. Na sequência, o diálogo dos personagens.

Gina – Obrigada Elias por você ter vindo me buscar, mas você viu, né? Não vou poder ir na igreja.

Elias – Te faço companhia. Eu posso ficar esperando com você Gina. A gente pode ler a Bíblia juntos.

Gina – Não Elias! A gente se conhece há tão pouco tempo, não posso levar você para dentro de casa. Você ta enganado ao meu respeito, viu!

(Gina virá à cara para Elias e ele a pega pelo braço)

Elias – Gina! Gina! Gina! Vem cá, por favor. Você não tá entendendo, é pra ler a Bíblia mesmo. Eu pratico a castidade.

(Gina fica consternada com a declaração de Elias)

Gina – Eu nunca tinha ouvido falar de um homem casto. Desculpa, você nunca...?

Elias – No passado. No passado, mas eu era outro. Gina, depois que eu aceitei Cristo no meu coração, eu aceitei também a castidade, até o dia que eu casar.

(Gina sorri admirada)

*Gina – **Você nunca encontrou a moça certa.***

(Nesse momento, Gina e Elias ficam olhando um para o outro. Gina sorri e volta a falar)

Gina – Bom, Eliaseu... eu vou aceitar. Se for só para ler a Bíblia eu aceito sua companhia (risos). A gente pode ler a Bíblia, depois conversar. Vai ser um prazer. Muito Obrigada, viu? Você está se tornando um grande amigo.

(Ep.155. 15 nov 2013)

Nesse trecho de diálogo, podemos observar que Gina e Elias compartilham do mesmo pensamento. O trecho destacado da fala de Gina completa o pensamento de Elias, demonstrando valores morais comuns entre os dois. Essa experiência se contrapõe ao relacionamento que Gina viveu com Hebert, na qual o personagem tinha que se esforçar para respeitar “o tempo” de Gina, e mesmo assim, Hebert questionava Gina em seus valores morais, o que a deixava em conflito.

Em outras duas cenas, exibidas no dia 29 de Novembro de 2013, Gina e Elias passam pela experiência do testemunho, que é o ato de expor o que Deus fez na vida da pessoa que o conta. Gina e Elias estão no culto em sua igreja e Elias, então, é convidado a testemunhar sua história de vida e a contar como sucedeu sua conversão.

Elias – A paz de Cristo a todos

Igreja – Amém!

Elias – Eu era um viciado. Comecei com drogas leves, ai me apresentaram o mesclado, que é uma mistura de crack com maconha. Eu fui tomando gosto pelo crack. Eu tive um emprego de vencedor, mais eu comecei a faltar. Meus pais chegaram a me trancar em casa para eu parar com o vício, mas eu não vivia mais sem o crack. Eu me tornei um sarciziro, que é o nome para quem usa o crack. Ai eu fugi de casa, eu fui morar nas ruas. Eu andava com um cobertor nas costas porque eu não sabia nem onde eu ia dormir. Eu fazia qualquer coisa pelo crack. Até que eu conheci o Pastor Efigênio.

Pastor Efigênio – Eu era missionários nas ruas de São Paulo, e encontrei o irmão Elias embaixo do Viaduto do Glicério.

Elias – O pastor me levou para um Centro de Reabilitação de Drogados, e foi lá irmãos, que eu conheci a palavra de Cristo.

Igreja – Gloria a Deus!!! Aleluia!!!

(igreja começa a aplaudir)

Elias – Hoje eu estou trabalhando de novo. Eu aceitei Cristo e eu nunca mais usei crack.

Igreja – Amém!!!

Elias – Cristo me salvou.

Pastor Efigênio – Aleluia irmão! O seu depoimento foi muito comovente irmão Elias. Ele mostra o que Cristo pode fazer por todos nós. Eu agora gostaria de chamar uma jovem pra dar o seu depoimento, o seu testemunho. Gina, não quer vir aqui dar seu testemunho?

(Gina olha para o pastor com cara assustada)

Veronica – Vai lá, fala!

Gina – Mas eu vou falar o que?

Maristela – Fala porque você veio aqui. Vai Gina, abre o seu coração

Pastor Efigênio – Vem Gina, pode subir.

Gina – Eu tenho vergonha de falar assim na frente de todo mundo pastor.

Pastor Efigênio – Gina, o que importa quantas pessoas estão ouvindo, se o Senhor está sempre presente? Venha, vamos sem medo. Venha!!! Gloria a Deus!!!

(Pastor pega Gina pela mão e a igreja começa a aplaudir. Gina sobe ao púlpito e se posiciona para falar).

Pastor Efigênio – A primeira vez que você esteve aqui, você estava chorando, e agora posso ver uma certa paz no seu rosto.

Gina – É, é verdade. Eu já me sinto bem melhor.

Pastor Efigênio – Então abra o seu coração.

Gina – Bom, o que é que eu posso dizer? Eu peguei! Eu peguei contra minha mãe, eu peguei contra aquela que me criou. Por minha causa, ela e o meu pai, quer dizer, meu pai de criação, eles se separaram. Desculpa... Eu não consigo mais falar.

(Gina então começa a chorar)

Pastor Efigênio – Gina, aceite Jesus no seu coração, que essa dor vai embora. Você sentirá a profunda paz de Cristo. Repita comigo Gina: Eu Gina, aceito Jesus como meu único Senhor e Salvador.

Gina – Eu, Gina, aceito o Senhor Jesus Cristo como meu único Senhor e Salvador.

Pastor Efigênio – Aleluia irmã!!!

(igreja levanta as mãos e grita)

Igreja - Aleluia!!!

Pastor Efigênio – Gloria a Deus!!!Essa jovem está salva. (Ep.167,29nov 2013)



Ilustração 3 - Gina da seu testemunho na igreja

Aqui podemos ver uma forte característica das novas denominações contemporâneas, onde o *ethos* privado está sendo substituído por um chamado “*ethos* compartilhado”, ou seja, aquilo que expõe a fé de forma exterior é mais valorizada do que a experiência interior no indivíduo. (DUARTE, 2005).

Gina e Elias foram levados pelo pastor, e pela própria igreja, a contar suas experiências de vida como forma de externar para os demais as suas experiências dentro da fé. O testemunho é muito usado, principalmente, dentro das denominações evangélicas

neopentecostais para incentivar os outros membros a continuar atuante na crença em Jesus e na igreja. A pessoa que testemunha é tomada como exemplo de quem buscou em Deus e alcançou o que desejava.

Gina, quando vai ao púlpito externar os motivos que a fizeram frequentar a igreja, é levada a fazer uma confissão pública de sua fé, a chama Oração de Apelo, quando o indivíduo em questão aceita Jesus como seu único Senhor e Salvador, e se compromete a abandonar suas velhas práticas. Na doutrina evangélica contemporânea, esse é o primeiro passo para a salvação da alma e para o ingresso a igreja.

Após ouvir o testemunho de Elias e ter aceitado Jesus no culto, Gina passa a se identificar ainda mais com a nova fé que conheceu. Ela e Elias estão voltando para casa após o culto e comentam suas experiências pessoais com a fé. Veja o diálogo dos personagens abaixo:

Gina – Nossa! Ainda to emocionada, sabia?

Elias – Gina foi Cristo que me tirou do crack. E quando a gente aceita Cristo é uma emoção muito forte.

Gina – Elias, você viveu mesmo tudo isso? Fiquei impressionada. Como você viveu na rua?

Elias – Olha, eu não gosto nem de lembrar. Gina eu roubei, eu fiz até sexo por dinheiro, cheguei no nível mais baixo da condição humana. Eu não deveria estar te contando essas coisas, pra não te chocar, porque você é tão pura.

Gina – Não Elias, **eu também peguei**. Mas, essa noite...ah! Essa noite que eu aceitei Cristo, eu to me sentido limpa Elias, limpa. (*Ep.167,29nov 2013*)

No trecho destacado, Gina demonstra identificação com o personagem Elias, ao relatar que também pecou, como ele.

Elias – Quem sabe a gente não pode unir as nossas tristezas e a nossa fé. Você aceita namorar comigo?

Gina – Elias, eu...Eu não te mereço.

Elias – Eu te fiz um pedido de alma limpa. Você é a pessoas que eu mais gosto nesse mundo Gina. Aceita?

(Gina balança a cabeça em sinal positivo e sorri)

Elias – Eu posso te beijar?

(Elias beija Gina)

Elias – Boa noite! Fica na paz de Cristo.

Gina – Boa noite Elias! Fica na paz de Cristo.

(*Ep.167,29 nov 2013*)

O testemunho de Elias diz com que Gina se encontrasse dentro daquela nova comunidade, por ver que seus atores passaram por experiências semelhantes a dela. Isso fez com que Gina aceitasse o apelo do pastor, e se aprofundasse casa vez mais em sua experiência de conversão.



Ilustração 4 - Gina e Elias se beijam

4.4 O pentecostalismo retratado na ficção.

Para mostrar como a religião pode transformar e fazer diferença na vida das pessoas, a novela *Amor à Vida* construiu uma igreja ficcional, denominada “A Verdade Reina”, onde o núcleo evangélico foi formado e interagiu a maior parte do tempo. A igreja aproximou ainda mais o público evangélico da trama, que não se identificou somente com os personagens evangélicos, mas também com as atividades realizadas pela igreja na ficção.

A igreja foi retratada como uma igreja de bairro de classe média-baixa, em início de atividade, como mostra as ilustrações 5 e 6. A própria personagem Maristela a define como uma igreja “simples”. A igreja foi retratada em um espaço não muito grande, com capacidade para um pouco mais de 50 pessoas. As cadeiras eram de plástico e nas paredes havia ventiladores grandes. Na plataforma à frente, podemos ver o púlpito em destaque, feito de acrílico, com o símbolo da denominação à frente. Atrás foram colocados os músicos e seus instrumentos como bateria, guitarra, violão. Também há monitores de vídeos, caixas de som e cadeiras maiores e de melhor qualidade, onde o pastor se assenta. Por ser uma igreja evangélica, não há imagens ou obras sacras.

Na igreja ficcional, podem ser encontrados elementos das igrejas pentecostais e neopentecostais, como mostrado no capítulo 1 desse trabalho. A denominação possui características pentecostais pelo fato de estar em uma região de classe média-baixa, onde grande parte das pessoas não tem pouca escolaridade, e dos seus membros buscarem se afastar dos prazeres do mundo e se dedicarem a vida religiosa. Mas também podemos ver o ato do testemunho público a respeito das conquistas adquiridas depois da conversão, o que é uma característica das igrejas neopentecostais, porém essas conquistas são pela mudança de vida e não por bens materiais, o que afasta ainda mais a igreja ficcional de ser classificada como

neopentecostal. Tanto em igrejas pentecostais como neopentecostais podem ser vistas manifestações emocionais e espirituais que remontam a diferentes denominações.

Duarte (2005) coloca a exuberância nas manifestações corporal-emotivas como um “contraponto à razão” no *ethos* civilizatório oficial. Os pentecostais se caracterizam pelo *ethos* de contenção (no aspecto moral) e ao mesmo tempo pela exuberância estática religiosa, o que é um fato curioso, segundo o antropólogo. “No campo religioso, a retomada de uma expressividade menos controlada foi frequentemente o sinal de um *revivel*, uma revitalização carismática de instituições burocráticas” (DUARTE, 2005, p.162).

As manifestações corporais podem mudar, dependendo da denominação, sendo elas mais racionalizadas e menos racionalizadas. As diferentes manifestações corporais já eram vistas dentro das religiões afro-brasileiras e o espiritismo Kardecista, que agora também aparecem dentro do pentecostalismo brasileiro.

Nossa cena de análise, exibida no dia 31 de Dezembro de 2013, podemos ver claramente as manifestações corporais dos personagens, como levantar as mãos, danças, palmas e gestos coreografados, conforme mostra as ilustrações 1 e 2.



Ilustração 5 - Personagens levantam as mãos e cantam durante culto



Ilustração 6 – Toda igreja canta e levanta as mãos durante o momento musical

A Santa Ceia é uma cerimonia solene realizada por todas as igrejas evangélicas, geralmente a cada mês. A Santa Ceia tem por objetivo lembrar os cristãos do sacrifício de Jesus na cruz, conforme os relatos bíblicos. A primeira Santa Ceia foi realizada por Jesus momentos antes da sua prisão e crucificação, conforme relatado nos evangelhos. Mais tarde, o Apostolo Paulo, em carta direcionada para a igreja de Corinto (1Co 11:23-33), estabelece as como a Ceia deve ser ministrada e como deve ser o comportamento de cada participante. Isso pode variar em diferentes denominações devido as diferentes interpretações que cada pessoa pode ter em relação a passagem.

Gina está na igreja em um culto de virada de ano. O pastor então começa a ministrar a Santa Ceia. Gina diz às amigas que na Igreja Católica não entendia o significado da Santa Ceia. Maristela e Mirian, então, explicam a Gina sobre o significado que a Santa Ceia tem para os cristãos. A seguir o cantor gospel Kleber Lucas canta enquanto os elementos da Ceia são distribuídos aos membros.

Kleber Lucas é um reconhecido cantor e compositor da música gospel brasileira. Já atua há 18 anos no mercado musical. O cantor possui 12 Cds e 4 DVDs gravados em sua grande maioria pela gravadora gospel MK *music*, no Rio de Janeiro.

A cena em questão sofreu duras críticas de líderes evangélicos, pois também mostrava a celebração da Santa Ceia, uma cerimônia solene feita pelas Igrejas Evangélicas. A crítica foi pelo fato da cerimônia ser mostrada em um momento de celebração e não de contrição, como deveria ser. O pastor Silas Malafaia proferiu duras críticas a cena, e suas declarações tiveram grande repercussão nas mídias digitais, conforme mostra a imagem 3, compartilhada por um usuário na rede *Facebook*.

Globo faz Santa Ceia falsa e Kleber Lucas colabora cantando



A visão espiritual de muitos está tão podre que tem crente aplaudindo aquela santa ceia e a participação de cantor gospel com artista zombando e rindo do pão sagrado. Pode compartilhar isso que estou dizendo

Ilustração 7 – Silas Malafaia crítica cena da Santa Ceia em rede social
 Fonte: Disponível em: <https://goo.gl/zGed0E>. Acesso em 12/10/2015

A igreja “A Verdade Reina” também apresenta outra forte característica neopentecostal já mencionada no capítulo 1 desse trabalho, a experiência mágico-religiosa. Pela vontade do autor em mostrar como a religião pode mudar a vida das pessoas, a experiência do testemunho e da conversão foi ressaltada da trama.

Os testemunhos e depoimentos dos fieis são tomados como exemplos a serem seguidos pelos demais. Assim cada membro é incentivado a manter sua fé e crenças para alcançar aquilo que necessita ou almeja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento do número de evangélicos no país fez com que os veículos de mídia e entretenimento despertassem um novo olhar para esse público. A música gospel, antes vista como inferior e restrito as igrejas, se tornou a menina dos olhos de muitas gravadoras “seculares” do país, que encontrou nesse público fidelidade aos artistas e princípios que desestimulam a pirataria, o grande vilão das gravadoras.

A igreja soube aproveitar esse interesse, penetrou dentro da cultura midiática e encontrou grande espaço de atuação. Através da mídia, as igrejas não ficaram esquecidas, muito pelo contrario, suas doutrinas e interesses são vistos com frequência dentro das grandes mídias e redes sociais. Podemos dizer que as igrejas estão mais vivas do que nunca, dentro do século XXI

Esse crescimento explosivo dos evangélicos gerou um maior interesse de representação midiática dentro dos produtos televisivos. A televisão por muitos anos expôs uma referência caricata, e até mesmo, pejorativa do público evangélico, expondo-os como fanáticos religiosos ou atrasados diante da cultura moderna. Líderes evangélicos se mobilizaram e se aproximaram do principal veículo hegemônico televisivo do país, a Rede Globo.

A personagem Gina firmou um marco de aproximação da Rede Globo de Televisão ao público evangélico. Nela, o evangélico pode ver sua própria historia de vida sendo retratada no principal produto de entretenimento da emissora. Gina representou grande parte desses 22,2% da população evangélica, trazendo um novo olhar dos evangélicos para a emissora carioca e vice-versa.

Podemos ver no decorrer desse trabalho que a motivação econômica e lucrativa fez com o que a indústria de entretenimento olha-se com maior interesse o público evangélico, fazendo com que essas empresas investissem no entretenimento gospel, obtendo grandes resultados.

Gina personifica esse interesse da indústria na aproximação desse público. Longe dos clichês e estereótipos típicos evangélicos, Gina tinha a missão de retratar o público evangélico mostrando suas próprias historias de conversão, fazendo com que o público se vise na personagem. A ênfase na conversão foi uma exigência do próprio autor Walcyrr Carrasco, que reconheceu que o público evangélico é sensível, e precisa ser retratado com cuidado e zelo.

Em nossa análise, podemos identificar e reconhecer muitos aspectos comuns encontrados nas igrejas evangélicas e nos fieis que as frequentam. Como citado na análise,

grande parte dos fieis evangélicos chegam à igreja em um momento de aflição pessoal ou familiar, que as fazem buscar novos horizontes e cosmovisões, assim como Gina, logo após ter passado por uma grande decepção amorosa. Também podemos ver aspectos históricos presente na representação da igreja, como a livre interpretação da Bíblia Sagrada, oriunda da Reforma Protestante.

Nossa análise também pode notar alguns deslizes cometidos pelo autor ao retratar alguns momentos importantes dentro da cultura evangélica. A polêmica envolvendo a Santa Ceia e alguns elementos que causaram estranheza da audiência, nos mostra que apesar da emissora e o autor tenham se aproximado do público evangélico, ainda existe alguns pontos a serem melhorados e melhor apreciados, para que a representação não fique prejudicada.

Quando manifestei o interesse em analisar a personagem Gina, minha primeira hipótese era que a personagem havia sido retratada de forma estereotipada, como aconteceu com outros personagens evangélicos, porém, no decorrer dos estudos, pude notar que Gina foi um diferencial, que se afastou dos estereótipos costumeiros, e se aproximou da realidade, provando ser um grande diferencial de representação.

Ao finalizar a análise, conclui que a experiência da personagem Gina com a religião não se deu através de elementos sobrenaturais ou místicos. Gina não se converteu porque viu algo sobrenatural ou passou por uma experiência espiritual extraordinária. A representação da conversão se deu intimamente, aos poucos, como uma experiência pessoal da personagem com a fé, se aproximando da realidade daqueles que vivem essa experiência. Também não houve exageros na interpretação ou algo que chocasse em demasia a audiência, como aconteceu com outros personagens. O objetivo do autor em mostrar como a religião pode transformar a vida das pessoas foi alcançado.

A igreja ficcional “A Verdade Reina” demonstrou bastante realidade ao representar as igrejas presentes nos subúrbios das cidades brasileiras, como elementos que a aproximaram muito da realidade. Houve deslizes como na cena da Santa Ceia que causou maior polêmica, porém não chegou a comprometer o trabalho e o esforço do autor em retratar o público evangélico.

Acredito que esse trabalho possa contribuir para um maior esmero por parte dos comunicólogos a se dedicarem ao estudo da comunicação dentro do ambiente eclesiástico. O crescimento da população evangélica acarreta em mudanças profundas dentro da cultura brasileira e conseqüentemente dentro da forma de comunicar. Existe muito a se explorar em comunicação dentro da religião, que é uma área que ainda carece de comunicólogos

interessados em explorá-la. Espero que esse trabalho possa servir como base ou uma simples ajuda para aqueles que querem se dedicar a esses estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L.C.L. Espetáculo e Religião: crer e sentir – Igreja Internacional da Graça de Deus. In CONFERÊNCIA BRASILEIRA EM COMUNICAÇÃO ECLESIAL, 6, 2011, **Anais Eletrônicos...** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, Disponível em < http://www2.metodista.br/unesco/1_Eclesiocom%202011/Arquivos/Trabalhos/21.Espet%C3%A1culo%20e%20Religi%C3%A3o_Luis.pdf > Acesso em: 15 de Maio. 2015

BERGER. Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.21, nº1, p. 9-24, Abril. 2000

BÍBLIA. 1995. **Bíblia de Estudo Pentecostal**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. rev.e corrigida no Brasil. São Paulo: Casa Publicadora da Assembleia de Deus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89-94.

CARTA CAPITAL. **Ação Civil Pública questiona arrendamentos ilegais no rádio e na TV**. São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/acao-civil-publica-questiona-arrendamentos-ilegais-no-radio-e-na-tv-1562.html> > Acesso em: 30 de out. 2015

CUNHA. Magali do Nascimento. Chaves teórico-interpretativas do processo de aproximação das Organizações Globo com o segmento evangélico no Brasil: audiência, mercado, política e poder. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v.16, nº 31, p. 59-75, mai-ago 2015.

_____. **Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium, 2007. 235 p.

DUARTE, L.F.D. Ethos Privado e Justificação Religiosa. Negociação da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, M.L; DUARTE, L.F.D; PEIXOTO, Clarisse, et al (Org). **Sexualidade, Família e Ethos Religioso**, Rio de Janeiro: Garamond, 2005

evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium, 2007. 235 p.

EXTRA. **Em ‘Amor à vida’, núcleo evangélico ganha espaço: ‘Quero tratamento respeitoso’, diz autor**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: < <http://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-amor-vida-nucleo-evangelico-ganha-espaco-quiero-tratamento-respeitoso-diz-autor-10831961.html> > Acesso em: 1 de junho. 2015

FIGENBAUM, R.Z. **Mediatização do Campo Religioso e processo de produção de sentido. Análise de um conflito anunciado**: o caso do jornal evangélico da IECLB. 2006, 250 f, Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2006.

G1. **Polícia dos EUA prende bispos da Renascer em Miami**. São Paulo, 2007. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1413589-5598,00.html> >

GNOTICIAS. **Assembleia de Deus do Brasil é a maior igreja pentecostal do mundo.** Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/assembleia-deus-brasil-maior-igreja-pentecostal-mundo-21458.html>> Acesso em 4 de Maio de 2015.

_____. **Evangélicos abrem 14 mil igrejas por ano no Brasil.** Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/evangelicos-14-mil-igrejas-ano-brasil/>> Acesso em 11 de Maio de 2015.

JUNIOR, E.F.G, NETO, J.S.S et al. A fé se faz novela: a abordagem espírita na teledramaturgia. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16, 2014, João Pessoa. **Anais...**João Pessoa: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, p. 1-8.

LIMA, M.G.D. **Aleluia, Gloria a Deus, Amém? A representação do evangélico no cinema nacional.** 2009. 89f. Monografia (Comunicação Social – Hab: Produção em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

LOPES, M.E.V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 10, nº 26, p. 17-34, jan-abri, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In MOTTA, A.R; SALGADO, Luciana (Org). **Ethos Discursivo**, São Paulo: Contexto, 2008.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, nº 52, p.121-138, Set. 2004.

MARTINO, L.M.S. **Mídia e poder simbólico:** em ensaio sobre comunicação e campo religioso. São Paulo: Paulus, 2003, 198p.

MATOS, A.S.D. Breve Historia do protestantismo no Brasil. In CENTRO Presbiteriano de Pós-Graduação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em: 4 de Maio de 2015.

_____. Sola Scriptura: A centralidade da Bíblia na experiência Protestante. In CENTRO Presbiteriano de Pós-Graduação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2011b. Disponível em: < <http://www.mackenzie.br/6965.html> > Acesso em: 30 de Out.2015

MENDONÇA, J.S. O evangelho segundo o Gospel: mídia musica pop e neopentecostalismo. **Revista do Conservatório de Música**, Pelotas, nº1, p.220-249, dez 2008.

MORAIS, G.L. Neopentecostalismo – um conceito – obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 2, p. 1-11, Jun. 2010.

MT AGORA. **Edir Macedo culpa Igreja Católica e Rede Globo por sua prisão.** Cuiabá, 2015. Disponível em: < <http://www.mtagora.com.br/gospel/edir-macedo-culpa-igreja-catolica-e-rede-globo-por-sua-prisao/86632064> > Acesso em 11 de Maio de 2015.

O DIA RIO. **Venda de CDs de cantores da música gospel supera ídolos da MPB.** Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-10-31/venda-de-cds-de-cantores-da-musica-gospel-supera-idolos-da-mpb.html>> Acesso em: 11 de Nov. de 2015.

OBSERVATORIO DE IMPRENSA. **Igrejas eletrônicas brigam por espaço na TV aberta.** São Paulo, 2013. Disponível em: <
[http://observatoriodaimprensa.com.br/interessepublico/_ed773_igrejas_eletronicas_brigam_p
or_espaço_na_tv_aberta/](http://observatoriodaimprensa.com.br/interessepublico/_ed773_igrejas_eletronicas_brigam_por_espaço_na_tv_aberta/)> Acesso em: 18 de maio. 2015

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013, 100 p.

PAEGLE, E.G.D. Humor e fé: Os evangélicos na mídia. In: Simpósio Nordeste da ABHR, 2., 2015, Recife: Associação Brasileira de Historia das Religiões, 2015.

PORTO, C.H.D.Q. **Uma reflexão do Islã na mídia brasileira:** televisão e mundo mulçumano, 2001-2002. 2012. 374f. Tese. (Doutor em historia social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RIBEIRO, L.M.C; LUCERO, Ariana; GONTIJO, E.D. O ethos homérico, a cultura da vergonha e a cultura da culpa, **Psychê**, São Paulo, vol. 12, nº 22, Jan-Jun, 2008, p. 125-138.

ROSAS. N.G. O Desenvolvimento do Neopentecostalismo Brasileiro: Esboços Sobre a Positividade sa Experiência Religiosa nos Dias de Hoje. In: Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. 6., 2009, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Associação Brasileira de Historia das Religiões, 2009.

SILVIA, C.C.D. **Representação das novas configurações familiares:** uma Análise da telenovela amor à vida. 2014, 100f, Monografia. (Comunicação Social – Hab: Jornalismo) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2014.

THOMÉ. Adriana. Igreja eletrônica: propagação da fé na cultura midiática brasileira. In CONFERÊNCIA BRASILEIRA EM COMUNICAÇÃO ECLESIAL, 6, 2011, **Anais Eletronicos...** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, Disponível em <
[http://www2.metodista.br/unesco/1_Eclesiocom%202011/Arquivos/Trabalhos/18.Igreja%20e
letr%C3%B4nica_Adriana%20thome.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Eclesiocom%202011/Arquivos/Trabalhos/18.Igreja%20e%20letr%C3%B4nica_Adriana%20thome.pdf) > Acesso em: 15 de Maio. 2015.

VALE. Eudênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas Observações. **Estudos Avançados**, São Paulo, nº52, set/dez. 2004. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300008&script=sci_arttext> Acesso em: 13 de Nov. 2015.